

Filozofická fakulta Univerzity Palackého v Olomouci  
Katedra romanistiky

**A tradução comentada de contos de  
José J. Veiga**

Diplomová práce

Veronika Baudyšová

Studentka 2. ročníku navazujícího magisterského studia portugalské a  
anglické filologie

Akademický rok 2009/2010

Vedoucí práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc 2010

Prohlašuji, že jsem diplomovou práci vypracovala samostatně a s použitím uvedených pramenů a literatury.

V Olomouci, dne 10.5.2010

Děkuji PhDr. Zuzaně Burianové, Ph.D. za odborné vedení diplomové práce a za poskytnuté rady i materiály.

## **Índice**

1.	Introdução .....	6
2.	Breve biografia e característica da obra de José J. Veiga .....	8
3.	Análise literária dos contos escolhidos .....	13
	3.1 Onde Andam os Didangos? .....	13
	3.2 Diálogo da Relativa Grandeza .....	16
	3.3 O Galo Impertinente .....	18
	3.4 O Cachorro Canibal .....	20
4.	Tradução dos contos .....	23
	4.1 Kam se poděli stonkovci? .....	23
	4.2 Diskuze o relativní velikosti .....	29
	4.3 Drzý kohout .....	35
	4.4 Pes kanibal .....	38
5.	Análise da tradução .....	43
	5.1 Processos de tradução segundo Dubský .....	44
	5.1.1 Transposição .....	44
	5.1.1.1 Transposição gramatical .....	44
	5.1.1.2 Transposição oracional .....	45
	5.1.2 Concentração e economia .....	51
	5.1.3 Amplificação e diluição .....	53
	5.1.4 Explicitação e implícitação .....	54
	5.1.4.1 Explicitação .....	54
	5.1.4.2 Implícitação .....	55
	5.1.5 Modulação .....	56
	5.1.6 Compensação .....	57
	5.2 Outros fenómenos na tradução .....	58
	5.2.1 Títulos dos contos .....	58
	5.2.2 Pontuação e harmonia .....	59
	5.2.3 Erros na pronúncia .....	61
	5.2.4 Fraseologismos .....	62
	5.2.5 Fenómenos extralinguísticos .....	63
	5.2.6 Nomes próprios .....	66

6.	Conclusão .....	68
7.	Resumo .....	70
8.	Bibliografia .....	71
9.	Anexos .....	73
	9.1 Bibliografia completa do autor .....	73
	9.2 Textos dos contos em original .....	74

## **1. Introdução**

O tema deste trabalho é a tradução comentada de quatro contos do escritor brasileiro José J. Veiga. Trata-se dum autor relativamente pouco conhecido na República Checa, o que é lamentável porque as suas obras têm um grande valor literário. As poucas traduções da obra dele existentes no nosso país não são suficientes para apresentar o aspecto único da sua escrita.<sup>1</sup> Por isso, cada texto deste autor traduzido para checo é, na nossa opinião, importante.

Os quatro contos seleccionados são interessantes tanto do ponto de vista literário quanto do linguístico. Veiga é um dos representantes brasileiros do «realismo mágico», corrente literária que duma maneira especial aborda os temas da fantasia e da relação da realidade com o sobrenatural. Um dos traços característicos das narrativas do autor é o ponto de vista infantil que nos apresenta a vida interior de crianças e a sua imaginação. Nos contos traduzidos, por exemplo, o leitor pode conhecer o didango, um animal muito perigoso que vive na selva e de vez em quando ataca as casas dos agricultores, ou explorar a «filosofia do relativismo» criada por um menino que está a brincar com um louvadeus. Outras personagens interessantes são um galo misterioso que martela carros numa estrada e um cão que explora a relação entre os animais e os humanos e escolhe uma solução radical para os seus problemas. Através dos discursos o autor apresenta a realidade quotidiana do espaço rural brasileiro e mostra a forte relação das personagens à natureza.

O aspecto linguístico das narrativas apresentadas neste trabalho é bastante interessante. Os contos estão escritos em português brasileiro, porém a sua linguagem tem elementos especiais

---

<sup>1</sup> Somente três obras do autor foram publicadas na República Checa: *Os Pecados da Tribo* (*Hřichy kmene*, in: *Pět brazilských novel*, Praha: Odeon, 1982. Traduzido por Marie Havlíková [Adámková]), «A Máquina Extraviada» e «Uma Jóia de Canhão» («Zbloudilý stroj» e «Parádní dělo», ambos in: *Třetí břeh řeky. Fantastické a magické v brazilských povídkách*. Liberec-Praha: Dauphin, 1996. Traduzido por Pavla Lidmilová.)

como, por exemplo, a economia da expressão. O autor até inventa o nome para um animal imaginário cuja tradução foi um dos maiores desafios.

O trabalho é dividido em três áreas temáticas. Na primeira é introduzida a personagem do autor, a sua vida e o seu estilo. Aqui também são examinados os quatro contos do ponto de vista literário com o objectivo de facilitar a compreensão aprofundada dos textos e de sistematizar os traços do estilo do autor para os fins de uma tradução cuidadosa.

A segunda área é representada pela própria tradução dos contos da língua portuguesa para a checa. A terceira oferece uma análise das mudanças que surgiram na transformação do texto devido às naturezas diferentes das duas línguas. Na primeira parte desta análise são apresentadas as modificações gramaticais, funcionais e outras, divididas em seis categorias segundo a comparação estilística de Josef Dubský. A segunda parte da análise trata dos problemas que surgiram por causa da realidade diferente do Brasil, que são, por exemplo, ligados aos nomes das frutas e plantas desconhecidas na Europa, à tradução da palavra *didango* ou ao vocabulário relacionado à agricultura que não tem equivalência certa na nossa língua. A solução destes problemas foi dirigida pela tentativa de, por um lado, manter o tom exótico do texto para o leitor checo e, por outro, de realizar uma tradução fiel ao texto original.

## **2. Breve biografia e característica da obra de**

### **José J. Veiga**

José J. Veiga nasceu a 2 de Fevereiro de 1915 em Corumbá no estado de Mato Grosso. Vivia numa região rural e selvagem que teve influência nos cenários das suas escritas posteriores. Adolescente, mudou para o Rio de Janeiro onde estudou advocacia e trabalhou na rádio. Foi editor da Revista do Serviço Público. Após uma curta estadia em Londres, voltou ao Rio e tornou-se editor d'O Globo e da Tribuna da Imprensa, jornais de grande prestígio. Além de jornalismo, também trabalhou na área de política e gestão e exerceu função elevada na Fundação Getúlio Vargas. Morreu a 13 de Abril de 1999 no Rio de Janeiro já como autor bem conhecido.

Apesar da sua longa carreira jornalística, Veiga entrou no mundo da literatura bastante tarde. O primeiro livro dele, *Os Cavalinhos de Platiplanto*, publicou-o com 44 anos de idade. Comparando com outros autores da época, Veiga não foi muito produtivo. A sua obra é pouca mas mesmo assim notável e avaliada.<sup>2</sup> As narrativas do autor são geralmente pouco extensas, variando entre contos e novelas curtas. Os cenários das narrativas costumam ser rurais – fazendas, aldeias ou cidades pequenas, e as personagens, principalmente masculinas, infantis e humildes, são pessoas simples vivendo as suas vidas quotidianas.

Na obra de Veiga há fortes elementos do chamado «realismo mágico». É um estilo literário popular principalmente nos anos 60 e 70 do século XX que em si leva duas correntes: o próprio «realismo mágico» e «realismo fantástico».<sup>3</sup> Ao contrário dos realistas, que descreviam a realidade com verossimilhança, o «realismo mágico» trata

---

<sup>2</sup> A bibliografia completa do autor encontra-se entre os anexos dessa tese, p. 73.

<sup>3</sup> O «realismo mágico» é bastante popular nos países latinos. Os autores mais conhecidos desta corrente literária são Gabriel García Márquez e Jorge Luis Borges. No Brasil as escritas têm mais traços do «realismo fantástico» e os seus representantes principais são José J. Veiga e Murilo Rubião.

da realidade duma maneira específica porque se baseia na imagem inverossímil.<sup>4</sup> Mas mesmo assim explica os acontecimentos sobrenaturais com razões aceitáveis na cultura, como, por exemplo, os Gregos explicavam tudo com a intervenção dos deuses. O «realismo fantástico» aceita as regras de escrita «mágica» mas tem alguns traços específicos. A questão de tempo é bastante diferente nos dois. O «mágico» entende o tempo como um aspecto distante do presente e usa frequentemente frases como «era uma vez» e outros para diferir o tempo da narração do presente do leitor. No entanto o «fantástico» usa o tempo real para aproximar a narração ao leitor no máximo possível. Assim se mistura o mundo conhecido com o desconhecido ou até absurdo.<sup>5</sup>

Geralmente, as personagens do «realismo fantástico» são pessoas isoladas que têm uma vida tranquila, agrícola e modesta. Como vivem no campo são muito próximos à flora e fauna por volta deles e têm fortes relações com elas. E são essas pessoas simples que sofrem confrontos com alguma força dominadora que é muitas vezes inexplicável e exageradamente violenta. O dominado não a entende e, por isso, não tem nenhuma possibilidade de reagir. Isso gera uma grande angústia nas personagens obrigadas a viver numa opressão total. Assim é construído um elemento de medo e ameaça, nelas e no leitor, que o sobrenatural cria sobre o mundo conhecido.<sup>6</sup> Esse medo não é igual aos sentimentos que nos trazem os contos de horror, é sim uma ameaça e frustração de alguma força desconhecida mas imediata. As próprias personagens geralmente não procuram a explicação dessa força dominadora e, por isso, nem o leitor sabe o que é. Concluindo, o «realismo fantástico» de Veiga não deixa nenhuma fronteira entre o real e sobrenatural. Esses dois espaços interpenetram o que procura estimular assim a curiosidade do leitor.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Goulart, Audemaro Taranto. *O Conto Fantástico de Murilo Rubião*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995. P. 28.

<sup>5</sup> Id., *Ibid.*, p. 34.

<sup>6</sup> Id., *Ibid.*, p. 35.

<sup>7</sup> Id., *Ibid.*, p. 36.

Nos contos do autor há sempre algum plano filosófico paralelo à narrativa. O autor questiona a relatividade do mundo, tenta procurar as fronteiras entre o real e o fantástico, entre o objectivo e o subjectivo, entre os ideais infantis e a realidade adulta.<sup>8</sup> Esses elementos encontram-se também nas relações humanas, na política ou nas incapacidades da comunicação entre as pessoas. Por isso as narrativas podem ser interpretadas como parábolas da nossa realidade quotidiana.

Outros aspectos comuns na narrativa de Veiga são os fortes motivos de visões infantis, alucinações e pesadelos. O autor explora a função do misterioso, mágico e absurdo. Notam-se fantasmagorias, forte desejo de mudança e medo dalgum perigo imediato ou dalguma potência estranha. Esse medo é adequado porque há bruscas mudanças de acontecimentos e dos estados das coisas, «amor se rapidamente transforma em ódio e comédia em tragédia, esperança em desespero.»<sup>9</sup>

A primeira obra do autor, *Os Cavalinhos de Platiplanto* de 1959, é uma colectânea de contos que o historiador literário António Cândido caracterizou como «contos com tranquilidade catastrófica.»<sup>10</sup> As personagens nesse livro são principalmente pré-adolescentes, por isso, o ponto de vista infantil é o essencial na construção da narrativa. São as crianças que com a sua ingenuidade e fantasia interligam o trivial e o mágico. Procuram o ideal e o puro, criam forte relação com cavalos ou buscam um mapa do tesouro enterrado. Também há motivos de separação e solidão das personagens. No conto «Usina Atrás do Morro» Veiga examina o tema da perda da liberdade humana que se repete nas narrações posteriores.<sup>11</sup> Há certa inquietação entre as personagens, ninguém sabe ao certo o que se está a passar porque os acontecimentos são só meio mencionados e nunca explicados pelo

---

<sup>8</sup> Silverman, Malcolm. *Moderna Ficção Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P. 164.

<sup>9</sup> Id., *Ibid.*, p. 165.

<sup>10</sup> Picchiová, Luciana. *Dějiny brazilské literatury*. Praha: Torst, 2007. P. 569.

<sup>11</sup> Por exemplo em *A Hora dos Ruminantes* ou *Os Pecados da Tribo*.

autor. Esse facto cria uma incerteza no leitor e faz-lhe pensar mais na interpretação das narrativas.

O segundo livro, *A Hora dos Ruminantes*, publicado em 1966, é a primeira novela do autor. Nessa narrativa Veiga explora os temas de medo, submissão e desespero numa sociedade rural pequena.

Após a novela, Veiga voltou aos contos e em 1968 publicou a colectânea *A Estranha Máquina Extraviada*. Mais uma vez o autor apresenta o quotidiano de cidades pequenas, mas dessa vez as narrativas são menos juvenis e mais misteriosas. Os pontos de vista das personagens são de adulto ou em dois casos de animal: em «O Cachorro Canibal» há um cão bastante cínico que planeja o seu bem para o futuro e chega até ao assassinato para ganhá-lo. Outro animal encontra-se em «O Galo Impertinente» onde aparece um galo misterioso que tem poderes sobrenaturais e assusta a gente na estrada. O conto principal, «A Máquina Extraviada», é uma alusão à manipulação da mente humana. Explora a fascinação irracional das pessoas pela máquina desconhecida e a facilidade com que elas aceitam uma nova fé sem questionar a função ou a origem do objecto adorado. Outros temas do livro são a monotonia de relação amorosa, relatividade de valores ou a insignificância das coisas e pessoas.

Na sua segunda novela, *Sombras de Reis Barbudos* de 1972, Veiga volta ao tema da opressão humana. Há uma empresa onnipotente e megalomaniaca que causa totalitarismo cruel, cria censura e constrói muros pela cidade para impedir movimentação livre dos habitantes. Para complicar mais a situação, aparecem urubus e chuvas fortes. Como em outras narrativas, nem aqui Veiga deixa claros os limites da realidade. O protagonista não entende se tudo é de verdade ou é alguma fantasia ou alucinação. O cenário é de uma cidade pequena como nas escritas anteriores. Como a cidade não tem nenhum nome, cria-se a impressão que as histórias podem acontecer em qualquer lugar o que faz o livro muito mais actual para o leitor.

*Os Pecados da Tribo* foram publicados em 1976. Trata-se mais uma vez de uma novela curta. Os acontecimentos episódicos criam a

imagem duma sociedade oprimida. Nem aqui Veiga deixa as coisas muito claras. Parece que é uma cidadezinha traumatizada pela apocalipse após a invasão de «naus celestes» que podem ser os extraterrestres mas também alguma força humana.

Na sua última obra, *Objetos Turbulentos* de 1997, Veiga abandona os temas rurais e concentra-se no aspecto humorístico do quotidiano na cidade. Nessa colectânea de contos examina a obsessão fetichística pelos objectos quotidianos.

### **3. Análise literária dos contos escolhidos**

Todos os quatro contos, «Onde Andam os Didangos?», «Diálogo da Relativa Grandeza», «O Galo Impertinente» e «O Cachorro Canibal», vêm da colectânea *A Estranha Máquina Extraviada*, de 1968. Esses textos foram escolhidos pelas suas qualidades literárias e por apresentarem todos os traços típicos do autor. Em todos há um papel considerável dalgum animal em combinação ou confronto com alguma outra personagem o que resulta sempre em situações interessantes e incomuns. Nos primeiros dois contos há uma criança que observa ingenuamente o mundo e os animais têm uma grande influência nas suas fantasias. No terceiro, há um galo misterioso que ameaça absurdamente os carros numa estrada e, no último, há um cão cínico que decide resolver seus problemas usando canibalismo. As narrativas criam uma imagem fiel das regiões rurais brasileiras e, como as personagens nem os lugares têm nomes, esse ambiente torna-se bastante universal. Ao mesmo tempo todos os contos têm o seu lado irónico e humorista, mas também filosófico e moral. Um aspecto interessante das escritas é o português brasileiro. A língua da narração não é nem o padrão nem a língua coloquial, mas sim uma mistura de língua formal com o vocabulário típico de zonas rurais que se tornou um grande desafio na tradução. Com o propósito de entender melhor os contos e a sua tradução para checo convém analisar cada um deles do ponto de vista literário.

#### **3.1 Onde Andam os Didangos?**

O conto apresenta um menino anónimo e os seus fantasmas. Por ser pequeno e por morar perto da selva, tem medo de um grande número de animais perigosos da região. O facto de ficar, como filho único, muito tempo sozinho pode explicar a sua invenção dum animal

imaginário a quem dá o nome de «didango». Inventá até a aparência desses animais,<sup>12</sup> detalhes da vida deles, inclusive como são os filhotes e quais são os problemas deles. Assim cria um mundo fantástico que os seus pais não compartilham e não vêem. Mas para o menino esse mundo é perfeitamente real. Ele é fascinado por esses animais, tem medo deles mas ao mesmo tempo sente um grande respeito e admiração. No fim do conto até pergunta por eles pensando que podiam ajudar na situação difícil. É uma relação ambivalente, tão típica das crianças. Todavia o medo parece prevalecer e a vida do menino está cheia de sustos. Quando aparece Venâncio, o menino perdido na selva, o rapaz está tão assustado que se põe a chorar. Pensa que há algum animal ou índio no rancho e fica quieto em casa porque sabe que se gritasse, a mãe vinha a correr e podia ficar em perigo também.

Quando a mãe volta, não consegue achar nenhum índio mas fica nervosa e inventa uma desculpa para chamar o pai. Esse vem chateado, procura por volta da casa, acha Venâncio, que está assustado e exausto e resolve deixá-lo no rancho. Logo que Venâncio fica melhor, o pai ensina-lhe os trabalhos do rancho e descobre que esse menino é muito hábil. A personagem de Venâncio torna-se uma nova fascinação para o menino que, desta vez, é real para todos. Venâncio inventa vários brinquedos e máscaras extraordinários e o menino adora-o como se fosse um anjo que desceu à terra.

Um dia, do nada aparece um homem rude e pergunta pelo dono. Com o seu comportamento grosseiro assusta a mãe e o filho que não entende como é possível haver gente assim no mundo. Ele só conhece Venâncio e quer que todo mundo seja como ele. Esse homem vem buscar Venâncio e ameaça a família com uma carabina para conseguí-lo. Ao Venâncio partir toda a família chora desesperadamente. Nesse

---

<sup>12</sup> É «um bicho sem pés nem cabeça, (...) às vezes liso, às vezes cabeludo, (...) largo nas pontas, fino no meio.» Veiga, José J. *A Estranha Máquina Extraviada*. 5ª ed. São Paulo: Difel, 1986. P. 45.

momento o menino lembra-se outra vez dos didangos e pergunta: “onde eles estavam que não tinham vindo?”<sup>13</sup>

O conto está escrito na terceira pessoa numa perspectiva de criança que não entende os acontecimentos no rancho e não consegue achar nenhuma explicação para eles. As fantasias do menino são muito comuns para todas as crianças do mundo, fazendo o leitor lembrar-se das suas próprias fantasias e encontrar-se mais próximo do mundo do menino. A criatividade na composição dos didangos faz o leitor sorrir. O cenário deste conto é rural. É um rancho isolado onde vive só a família. Os únicos contactos que ela tem com a civilização é com os caçadores que passam pelo rancho umas vezes por ano. Por causa dessa isolação o menino cria o seu mundo fantástico, mas podemos ver que ele não é só uma criança sonhadora e que também tem um senso muito racional quando não quer deixar a mãe sozinha buscar o índio ou ficar com o homem desconhecido. Assim a racionalidade muda facilmente para a fantasia e vice-versa.

As personagens não têm nomes próprios. Fala-se do pai, mãe e filho, do homem estranho e do tio. O único que tem algum nome é Venâncio todavia, mesmo tendo nome que supostamente serve para identificar pessoas, ele permanece o mais misterioso do conto. O leitor não sabe quem é ou donde vem. Também não sabe quem é o homem estranho que veio buscá-lo. Esse só menciona que o tio de Venâncio está à procura do rapaz mas não explica por quê.

O conto desenvolve num tom tranquilo e a vida no rancho parece idílica, pelo menos do ponto de vista do menino. Essa paz acaba com a chegada do homem estranho. A família pacífica, que mal encontra gente desconhecida e que não tem nenhuns inimigos, treme de medo e não entende a crueldade do homem. A situação está muito tensa sobretudo no momento em que o homem está sozinho com a mãe e o menino no rancho. Esses estão totalmente desesperados porque não têm como inverter a situação nem podem chamar o pai para ajudá-los e o tempo parece não passar. O rápido clímax vem com

---

<sup>13</sup> Id., Ibid., p. 51.

a chegada do pai. A única arma que a família tem está nas mãos do homem então não há outra opção para a família do que obedecer às ordens do homem. Esse manda pôr o menino num laço e leva-o logo embora. Em poucos segundos muda completamente a vida no rancho. O mundo primitivo e pacífico das pessoas do campo é vencido pela brutalidade e ameaça do homem «civilizado». Essa confrontação do mundo primitivo e uma força externa e violenta é uma das características do «realismo mágico» mencionadas acima.

### **3.2 Diálogo da Relativa Grandeza**

«Diálogo da Relativa Grandeza» conta a história de dois irmãos e das suas fantasias. Doril, o mais velho, examina um louvadeus e a sua irmã Diana vem falar com ele. Mas Doril não tem paciência para ouvir as histórias dela e as crianças começam a discutir.

Brincando com o louvadeus, Doril começa a pensar em aspectos filosóficos da vida. Vê que pode fazer bem e mal ao insecto e percebe que é possível que a gente seja também alguma forma de insecto nas mãos dalgum outro ser. Ao comparar as coisas por volta dele, imagina que os humanos são do tamanho de formigas e, por isso, são invisíveis «para os outros bichos muito grandes»<sup>14</sup> o que acha muito bonito. Sabe que é ele mesmo quem define o destino do bicho, percebe que tem poderes que são normalmente concedidos a Deus, questiona o funcionamento do mundo e pergunta quem manda em nós.

Mas Diana quer brincar com o irmão e interrompe os seus pensamentos. Assim Doril volta ao mundo «real» e usa as ideias que acabou de inventar contra a irmã. Não explica nada para ela e ela, sendo uma menina que gosta das coisas práticas e não sonhadas, fica completamente confusa não entendendo nada do que o irmão está a dizer. Num certo momento Diana fica na dúvida porque não consegue achar argumentos contra as ideias do irmão mas quando vê que Doril

---

<sup>14</sup> Id., Ibid., p. 41.

não tem nenhuma prova ela volta ao seu cepticismo e recusa-se de procurar sentido nas falas do seu irmão.

A discussão acaba com o grito da mãe que chama as crianças para casa. A brincadeira é interrompida. Diana esquece dela no momento mas para Doril está claro que as pessoas e todas as coisas por volta delas são pequeninas e ele não pode ficar ferido por um pau que na verdade é só um fósforo e ele próprio é uma formiga.

Os irmãos são muito diferentes um do outro. Doril é sonhador, procura entender o mundo por volta dele, faz perguntas sobre a própria existência humana e quer saber quem é Deus e qual é o papel dele no mundo. Chega até a perguntar se ele mesmo não tem poderes divinos sobre o insecto. Diana é uma menina mais ingénuo e prática, desconfia das ideias do seu irmão e concentra-se nas coisas que pode tocar ou sentir. A falta da fantasia dela mostra os limites do pensamento humano sobre coisas que não são propriamente «reais» ou comuns. As conversas entre os irmãos representam assim um contraste entre duas filosofias da vida: a fantasia do menino e o mundo «real» e prático da menina. Assim nos seus diálogos é apresentada a grande diferença entre esses dois lados do pensamento humano mas ao mesmo tempo há as brincadeiras infantis comuns para todas as crianças no mundo, como por exemplo as provocações da menina ou as confrontações do menino. Os dois usam uma típica linguagem infantil, cheia de interjeições. Por cima a menina faz vários erros na pronúncia de português que cria um retrato fiel da fala das crianças. Juntos criam uma atmosfera de infância cheia de curiosidade e de fascinação pela natureza.

O conto está escrito na terceira pessoa e a narração é frequentemente interrompida pelos diálogos das crianças. Essas conversas criam a gradação da narrativa. Cada pensamento que Doril apresenta à sua irmã aumenta a nervosia da menina que não consegue achar mais argumentos contra o irmão. A tensão chega ao ponto máximo no momento em que Diana pergunta de onde vêm todas as informações que o seu irmão tem. Ao saber que foi ele mesmo quem

as inventou ela perde o interesse, ri e volta a brincar. A tensão desaparece nesse instante.

As conversas das crianças servem também para a descrição do cenário porque nelas há várias referências sobre o ambiente em que elas vivem. Assim o leitor entende que é uma fazenda no campo. Por exemplo, quando Doril faz as suas comparações de coisas, cria, sem perceber, uma imagem visual do lugar, ou quando Diana fala sobre o livro que vai ganhar entende-se que um livro é como um tesouro para as crianças que provavelmente são de uma família pobre. Todavia, o espaço rural, que é um elemento comum na obra de Veiga, não tem propriamente muita influência na acção desse conto.

### **3.3 O Galo Impertinente**

O mais curto dos contos escolhidos narra a história duma estrada e do mistério ligado a ela. A construção da estrada, que deve apresentar o alto nível da tecnologia rodoviária, cria muita curiosidade em todas as pessoas que vão visitar as obras. Os engenheiros explicam-lhes pacientemente todos os detalhes técnicos do projecto mas a construção demora muito, as pessoas perdem o interesse e os trabalhadores a motivação.

Depois de muito tempo da construção, quando ninguém se lembra mais dela, a estrada fica pronta e vem o dia da inauguração. Toda a gente adora a estrada e considera-a magnífica. Mas o entusiasmo não dura muito. Logo no dia seguinte aparece um galo estranho que ataca os carros e destrói-os. Os viajantes têm medo dele e evitam passar por essa estrada. As pessoas estão assustadas e resolvem caçar o galo. Primeiro tentam apanhá-lo numa rede de pesca e depois até usam armas mas sem nenhum resultado. Por isso pedem ajuda ao ministério da guerra que manda um canhão que não tem sucesso e um tanque que começa a soltar fumaça sem qualquer razão

óbvia e fica fundido. A estrada então fica abandonada e esquecida no tempo.

O conto acaba com a meditação do narrador que pergunta o que vão pensar da estrada as pessoas nos tempos futuros e chega à conclusão que vão admirar a perfeição técnica dela. Pergunta também como eles vão interpretar o galo, mas lembra que por enquanto é impossível saber o fim da existência do animal.

A ausência de nomes, tão típica nas obras de Veiga, aparece mais uma vez nesse conto. Nem o narrador, nem a estrada e nem a cidade, que se encontra supostamente perto dela, tem nome. Como já foi dito, a falta de nomes faz o cenário, uma região rural cruzada pela nova estrada, mais universal.

O conto está escrito na primeira pessoa, mas o narrador é só um simples observador dos acontecimentos e não participa em nenhuma acção. Somente no fim ele comenta as futuras investigações da estrada e da origem do galo misterioso. O que importa mais é que ele descreve a situação do ponto de vista dos habitantes da cidade, captando a curiosidade e o medo deles.

A atmosfera da narrativa muda várias vezes durante a acção. No início as pessoas estão fascinadas pelo projecto da nova estrada. Os engenheiros são admirados pelo trabalho importante que fazem e pela paciência que têm na explicação do grande projecto às pessoas. Mas com a prorrogação da construção as pessoas esquecem-se dela. A admiração cede lugar ao esquecimento rápido e à desilusão, tão típicos para os seres humanos. No dia da inauguração volta a grandeza da estrada e a felicidade dos motoristas. Porém, esses sentimentos optimistas não duram muito porque esse mundo da alegria ingénua é incompreensivelmente atacado pelo galo. As pessoas tentam defender-se mas nada, nem o exército, consegue parar o galo misterioso cujo poder parece ser infinito. Os simples humanos não têm nenhuma chance contra a força do galo que só traz destruição absurda e medo.

Não podemos esquecer o lado crítico e humorístico desse conto. A fascinação excessiva pela estrada e a sensação de megalomania pode ser interpretada como crítica dos sistemas políticos totalitários que nessas construções grandiosas manifestam o seu poder. Também há um motivo da transitoriedade dos interesses das pessoas que num dia adoram a estrada e no dia seguinte perdem completamente o seu interesse nela. Os ataques do galo são por um lado trágicos e violentos mas por outro são bastante cômicos. É difícil não sorrir ao imaginar o galo atacando carros e martelando violentamente o aço com o seu bico. Também, as descrições emotivas das vítimas, que todos conhecemos das nossas vidas, são muito cômicas. No fim do conto Veiga satiriza o trabalho dos antropólogos que vão pensar que o tanque fundido é um pedaço de algum planeta caído à terra. Assim o conto tem uma mensagem séria sobre uma violência brutal e absurda e sobre o desespero das pessoas que sofrem dela, porém, também é importante o aspecto humorístico que faz a narração mais leve.

### **3.4 O Cachorro Canibal**

O último conto narra a história dum cão errante. Um dia ele aparece numa aldeia e deita-se por baixo duma árvore tentando proteger-se das moscas atrapalhantes. Logo se vê que está doente, exausto e triste. Um menino fica com pena dele e dá-lhe comida. No dia seguinte o cão está no mesmo lugar e o menino chama-o para a sua casa e cuida dele.

O cão percebe que está tolerado na casa mas isso não é suficiente para ele porque exige a atenção das pessoas. Ele começa a desenvolver as suas teorias sobre as relações entre humanos e cães. Não quer mostrar muita gratidão porque as pessoas podiam pensar que está feliz e esquecer as suas necessidades. Ao demonstrar a sua frieza ele cria um mistério por volta dele e faz as pessoas pensar. Assim ele consegue o domínio total na casa.

Um dia a família arranja um cão menor para fazer o maior feliz. Os dois brincam todos os dias e gostam muito um do outro. Mas com tempo o menor começa a atender todas as chamadas das pessoas e fica muito mimado e malcriado. A família começa a tratar mal o maior que pacientemente espera que a situação melhore. Mas um dia já não tem mais paciência: começa a brincar disfarçadamente com o menor, come-o e enterra os ossos. Todavia, a vingança não melhora o humor do cão que continua a estar triste, sempre concentrado e não sossegado. As pessoas evitam a presença dele, deixam-lhe caminho livre e não brincam mais com ele. Assim o cão encontra-se cada vez mais triste e a vida dele parece uma prisão.

O conto está escrito na terceira pessoa. Na narração prevalece um tom humorístico e irónico. A atmosfera é tranquila como se fosse um sábado à tarde. As pessoas cuidam do cão, arranjam-lhe um amigo e fazem-no feliz. Com tempo o cão maior fica atrapalhado com o comportamento do menor mas não dá indicações do plano como pretende resolver a situação. Por isso, o leitor fica chocado com a solução final. Principalmente a frieza e brutalidade do ataque deixa nele uma impressão muito forte.

O protagonista desse conto é um cão errante que já sofreu muito na sua vida. Por isso tem uma natureza calculista, seca e cínica. Com frieza ele calcula o seu comportamento para conseguir tudo o que ele quer da família. Procura sempre manter a sua liberdade e independência e comporta-se como se fosse arrogante e ignorante da família e assim ele ganha a atenção das pessoas.

A narrativa pode ser interpretada como uma examinação do comportamento da sociedade humana. A relação entre homens e cães mostra-nos que é muito difícil conseguir a atenção das pessoas mas há umas regras que geralmente funcionam. O cão sabe muito bem que as pessoas não gostam da ignorância e que com ela ele vai conseguir o que quer. O sarcasmo do cão mostra que os animais tal como as pessoas têm de ser calculistas. As relações entre os próprios cães é bastante parecida ao comportamento humano. O canibalismo entre

eles pode ser uma alusão à competição e à inveja das pessoas que fariam tudo para conseguir o seu bem. No fim encontramos a mensagem de que a vingança não traz felicidade: a morte do cão menor causa só sofrimento emocional e não melhora a situação do cão maior.

«O Cachorro Canibal» é o menos misterioso dos contos escolhidos. Não há nenhum mundo fantástico ou retrato de pensamento infantil. Também nesse conto há uma cidade pequena e também aqui nenhuma das personagens tem nome próprio. Na narração os cães são distinguidos somente pelo tamanho. Mesmo sendo escrita do ponto de vista dum cão, essa narrativa é uma perfeita parábola do comportamento humano.

## **4. Tradução dos contos**

### **4.1 Kam se poděli stonkovci?**

Noc v chatrči byla ošklivá, nebezpečná, venku spousta zvířat, některá známá, jiná vymyšlená podle zvuků, které přicházely z pralesa; ale opřený o silné tělo matky neměl strach z ničeho, zvířata pak byla krotká, vzdálená, neschopná uškodit.

Nepřestávala však existovat. Jako to, které si vymyslel, když byla svítilna zhasnutá, rodiče spali, chrápali a on si se zavřenýma očima představoval světlo slunce, protože na světle nejsou nebezpečná zvířata. Ale strach je silnější a chlapec nakonec vytvořil původce neznámých zvuků, které z lesa přicházely. Bylo to zvíře bez nohou a hlavy, jen dlouhé tělo ve tvaru stonku, tlustého a měkkého stonku, někdy hladké, někdy chlupaté (tato část ještě nebyla vyjasněna), široké na koncích, tenké uprostřed. Konce byly nohy a také ústa, zvíře chodilo tak, že zapřelo jeden konec o zem, zvedlo ten druhý, napnulo tělo a vrhlo zvednutý konec dopředu, přitom sbíralo ovoce a listy, které ho zaujaly, pak posunulo dopředu konec, který zůstal vzadu; to všechno rychle, aniž by se zastavilo nebo mrhalo časem. Dalo mu velkou práci vymyslet jméno pro toto zvíře, nakonec ho pojmenoval stonkovec.

A protože to bylo nejpodivnější zvíře v celém pralesu a nejspíše i na celém světě, stonkovec musel být také zvíře nejnebezpečnější. Nikdy opravdového stonkovce neviděl, ale věděl, že v noci obcházejí kolem chatrče; a ráno, když chodil s matkou k potoku pro vodu, nebo s otcem na kraj pralesa nařezat větve na nějakou práci v chatrči, vídal jejich stopy všude kolem, napůl setřené, protože plocha jejich nohou je měkká. Ale ve snech byli dobře vidět, někdy blízko, někdy daleko, vrhali stonky svých těl na chatrč, třásli hrnci na polici, nebo šplhali po kopcích, skákali přes potoky, vyměřovali svět jako kružítka.

Legrační byla mláďata, drobečkové, kteří dělali všechno, co dělali velcí, ale občas zůstávali stát na břehu potoka, běhali sem a tam, kvičeli jako selátka, báli se skočit, dokud se jeden z dospělých nevrátil a z druhé strany si je nezavěsil na nohu, jako když někdo na klacku nese hada. Jednou viděl, jak stonkovec zabil jaguára, jednu nohu přehodil přes jeho hřbet, ponořil ji pod něj, zase ji vynořil, udělal uzel a zatáhl za oba konce. Jaguárův pas se zužoval, zužoval, jazyk mu vypadl z pusy, střeva vyhřezla otvorem, který mají všechna zvířata pod ocasem, a když stonkovec povolil uzel, jaguár se sesul bezvládně na zem. Představte si, kdyby tohle udělali s člověkem. Stromy káceli jako by nic, objali strom stonkem těla, zatáhli a vytrhli strom i s kořeny a vším.

S těmito a jinými zvířaty a dalšími jinými věcmi, které se stávaly, byl život v chatrči plný hrůz. Příchod Venância byl jednou z nich. Otec byl na poli a čistil fazole a kukuřici, matka odešla k vodě prát, chlapec zůstal sám a hrál si s broukem, chtěl přimět brouka, aby tahal krabičku od sirek plnou kamínků; tím se bavil, když dveře chatrče potměněly. Pozvedl oči a nikoho neviděl, ale měl pocit, že kolem prošla nějaká postava. Stonkovec to nebyl, protože ti jsou velmi vysocí a dělají měkké zvuky, když nohama našlapují na zem. Nebude to indián? Otec říkal, že v tom pralese žili kdysi Tapujové; že by se vrátili? Čekal a srdce mu hlasitě tlouklo, neměl odvalu zvednout se ze země a podívat se, možná je to vážně Tapujec, nebo něco horšího. Křičet bylo nebezpečné, mohli by přiběhnout a mávat palicemi; a kdyby matka uslyšela křik a přiběhla by, určitě by také zemřela. Nezbyvalo než být potichu, i když se třásl a potil, a myslet na nějakou modlitbu, která by přivolala otce domů, občas přicházel mimo obvyklou dobu pro trochu tabáku, napít se kávy; a protože to byl statečný a nebojácný muž a chodil vždy s puškou, ani Tapujec by si na něj nepřišel.

Úplně náhodou vzhlédl k místu, kde byla stěna děravá a spatřil dvě oči, které se dívaly dovnitř. Protože neviděl žádnou možnost úniku, začal tiše plakat, zalíbilo se mu to a nakonec plakal nahlas. Pláč ty dvě

oči vylekal, ale on plakal dál, věděl, že indiáni neodešli, určitě si plánovali útok.

Když dveře znovu potemněly, hleděl do země, aby se nemusel dívat na indiánovu tvář – ale ten, kdo vstoupil, byla matka se škopkem vymáchaného a vyždímaného prádla.

– Taková ostuda! Tak velký chlap a pláče. To nemůžeš zůstat chvíli sám? Nebo ti něco je?

Chlapec byl tak rád, že ji vidí, že plakal ještě hlasitěji.

– Ale no tak, chlapče! Něco tě kouslo?

– Indiáni, mami! Indián!

– Jaký indián? To se ti něco zdálo.

– Jeden je venku. Viděl jsem ho.

– No to bych chtěla vidět toho tvého indiána.

– Ne, mami, nechod' tam! Je to nebezpečné!

Položila škoppek na zem a šla ven, ruce si utírala do sukně. Slyšel její kroky kolem chatrče, chtěl jít za ní, ale nohy ho neposlouchaly. Když se kroky zastavily, přeběhl mu mráz po zádech, čekal její výkřiky, zvuky úderů. Naštěstí znovu uslyšel kroky a za chvíli se objevila ve dveřích. Byla unavená, to asi tou dřinou s prádlem, jak šplhala do svahu.

– Neříkala jsem to? Žádného indiána jsem neviděla.

Ale místo toho, aby šla pověsit prádlo, chodila po chatrči, jako by něco hledala, nenápadně se pomodlila, rozdmýchala oheň, občas se podezřívavě podívala ven.

– Víš co? Zavoláme otce, ať přijde na kávu.

Vzala trubku, která visela za dveřmi, namířila ji ven a zatroubila.

Když otec přišel, polekaný a rozzlobený, matka mu řekla, než se na to sám zeptal, proč ho zavolala:

– On tvrdí, že viděl indiána. Řekni mu, že je to nesmysl.

– Vymýšlí si. Nemá co dělat. Tady už indiáni nejsou. To kvůli tomu jsi mě zavolala?

– Přesně to jsem mu řekla. Dokonce jsem se dívala kolem, abych mu to vymluvila. Pojď se se mnou podívat.

Vystrčila manžela ven a ukázala mu stopy, které viděla při první obhlídce. Manžel ji poslal zpátky a vydal se po stopách. Žena objala chlapce, řekla mu, že je strašpytel, a v duchu se modlila, dokud neuslyšeli otcovo volání:

– Pojďte se podívat na toho vašeho indiána!

Matka běžela ke dveřím, chlapec hned za ní. Vedle otce stál čtrnácti, patnáctiletý klučik, vyhublý a v roztrhaných šatech, vypadal vyděšeně a nemocně; jednu nohu měl poraněnou a nenašlapoval pořádně na zem. S velkou námahou řekl, že se jmenuje Venâncio, přišel z daleka, strávil více než měsíc v pralese, trpěl hladu a zimou, jedl opečené ptáčky, janebu a různé bobule, co se dalo. Mluvil tiše a velmi se třásl.

– Zůstaneš tu s námi – řekl otec. – Stejně potřebuji nějakého pomocníka. Ale nejdřív si odpočineš, najíš se, vyléčíš si nohu.

To bylo poprvé, co chlapec viděl hladového člověka bát se jíst. Když mu matka podala talíř, něco narychlo připraveného (nebyla doba jídla), odtáhl se, nechtěl.

– Jez, hlupáčku. Není tam jed – řekla matka a položila mu talíř do klína.

Podezřívavě se na ní podíval, asi jí nevěřil, vzal talíř oběma rukama a z očí mu tekly slzy. Matka chlapci naznačila, aby šli kousek dál, občas se ale podívali. Venâncio si utřel slzy do jednoho rukávu, pak do druhého, začal jíst lžící, potom ji položil a jedl rukama, během chvílky všechno zhltl. Úplně vylízal talíř a ještě snědl tři banány a velký kus karamelu. Potom vypil džbán vody, říhнул a usnul v sedě.

Venâncio strávil několik dní léčením nohy pomocí lázní z černého lilku a tuku z kapybary, v noci spal na rohoži v rohu chatrče, mluvil hodně ze spaní a probouzel se vystrašený. Vždy, když slyšel někde poblíž hluk, běžel se schovat do banánovníků na dvoře.

Když otok nohy opadával a rána se hojila, otec mu dal první úkol: nařezat větve a pruty na stavbu přístavku k chatrči. Venâncio

odešel vesele s mačetou, za chvíli se vrátil s jednou otepí větví na hlavě a dvě další táhl na liáně; opřel je o stěnu chatrče a vrátil se pro další. Po obědě mu otec vysvětlil, jak se staví stěna z větví, a když se odpoledne vrátil, dvě stěny byly hotové, chyběla ta s dveřmi, která je složitější. Večer ho otec to tajemství naučil a druhý den byl přístavek hotový, s udusanou hlinou a nasazenou střechou.

– Jsi pečlivý – řekl otec spokojeně. – Uvidíme, jak ti to půjde s motykou.

Kromě pomáhání na poli Venâncio neustále vymýšlel, co nového by se dalo udělat, hlavně hračky pro chlapce. Ze dřeva nožičkem vyřezal stádo koníčků, z vláken ze slepičího peří udělal ocas a hřívu, vybíral různé druhy dřeva, aby nebyli všichni stejně barevní; vyrobil houpačku pro sebe a pro chlapce, aby si mohli o nedělích hrát, na jednu stranu zavěsil velký kámen, aby se vyrovnal váhový rozdíl; z tykve vyrobil masky s knotem uvnitř, které se pověsily na stromy a v noci zapálily, byly výborné na plašení zvířat; vyráběl lano z prutů, silné a velmi dobře spletené.

Venâncio nebyl líný dělat jakoukoli práci, ani vařit a prát; vařil a pral, když měla matka moc jiné práce, nebo když si trochu pospala. Otec říkal, že Venância seslalo samo nebe.

Koho nebe neseslalo, byl ten ošklivý zamračený muž, který přišel do chatrče a ptal se na pána. Matka i chlapec se polekali, návštěvy k nim nechodily, jen nějaký lovec čas od času, ti přicházeli a žádali zdvořile o dovolení, přijali kávu nebo oběd, odpočinuli si a zase šli a nechali peníze na něco pro chlapce, jak říkali. Ale tenhle muž byl hrubý, jako by byl pán pralesa a zvířat. Matka mu vysvětlila, že manžel je na poli.

– Počkám. Nevolejte ho – řekl muž a sundal si karabinu z ramene, vzal stoličku a bez dovolení si sedl.

Rozhlížel se a nic neříkal, všechno si prohlížel, jako by mu to patřilo.

Chlapec se přitiskl k matce a už nechtěl slyšet o žádné hračce. Po velkém váhání matka nenápadně vzala trubku – ale muž dával pozor: vyskočil ze stoličky, vzal jí trubku z ruky.

– Nevolejte ho, paní. Nespěchám. Počkejte, až přijde sám.

Chlapec si přál mít ostrý nůž, aby ho zabodl muži do břicha; ten kuchyňský se nehodil, byl malý a tupý; přemýšlel také, že se nenápadně vytratí, aby zavolał otce, ale rozmyslel si to, protože bylo riskantní nechat matku samotnou s tím protivným mužem.

Čas neubíhal a matka nervózně chodila po chatrči, chtěla dělat spoustu věcí, ale nedělala nic, a chlapcův strach narůstal. Prosil Boha, aby poslal nějakého jedovatého hada, který toho muže uštkne, dokonce šel za křoví čekat, jak to dopadne, žádný had se neobjevil. Proč jsou na světě zlí lidé? Proč nemohou být všichni jako Venâncio?

Myslel si, že příchod otce dá všechno do pořádku, ale když ho viděl, jak klidně přichází s Venânciem a každý nese ošatku fazolí na hlavě, sevřelo se mu srdce. Karabina střílí silněji než puška, otec by mohl zemřít v boji a ten zamračený muž by s nimi zůstal bydlet, poroučel by jemu i Venânciovi a spal by na lůžku s jeho matkou.

Otec přišel a jedním pohybem hlavy složil ošatku fazolí na zápraží, chlapec se rozběhl a objal otcovy nohy.

– Tati, je tu nějaký muž! Tam uvnitř! S karabinou!

Venâncio už také složil fazole na zem, hleděl vyděšeně, chtěl utéct, ale ten muž s karabinou v ruce už byl blízko.

– Přesně tebe chci, ty darebáku. Neutíkej, nebo budu střílet.

Muž přikázal otci odhodit pušku na zem a přisunul si jí nohou blíž k sobě.

– Teď mu spoutejte ruce za zády tímhle provazem.

Vyndal provaz z vaku, hodil ho po otci a dohlížel na spoutání, karabinu připravenou. Když otec spoutal Venânciovy ruce, muž vzal laso na lasování telat, které nosil připevněné u pasu pod kabátem, a přikázal otci protáhnout smyčku pod Venânciovy pažemi tak, aby zůstala na zádech.

– Teď tou smyčkou dvakrát provlékněte provaz.

Otec poslechl, neměl na výběr. Muž si přehodil karabinu do levé ruky, tou pravou chytil laso a na zkoušku jím škubnul. Venâncio skoro upadl dozadu, nečekal takovou surovost.

– Jdeme. Tvůj strýc čeká – řekl muž a pobídl Venância hlavní karabiny.

Venâncio se ohlédl, jako kdyby se loučil s lidmi, chatrčí, houpačkou, se vším. Muž ho znovu pobídl, Venâncio svěsil hlavu a šel, muž za ním, odnášel si také pušku. Když už vstupovali do pralesa, zavolal:

– Tu vaši rezavou pušku si nevezmu. Nechám ji pověšenou na nějaké větvi. Pak si pro ní přijďte.

Otec, matka, chlapec se dívali až do chvíle, než ti dva zmizeli v pralese, ale už předtím pořádně neviděli kvůli slzám. Když vcházeli do chatrče, otec zakopl o džber s lojem, který si schovávali na výrobu mýdla, vrátil se a nakopl džber do dálky tak, že se rozlil po zápraží. Matka se vrhla na lůžko, plakala, jako kdyby právě přišla o dítě. Otec proseděl zbytek dne a noc ve dveřích chatrče, balil si a zapaloval jednu cigaretu za druhou. Také chlapec pořád myslel na Venância, netušil, jaký bude život bez něj.

Venância odvádějí na lase a cvrčci zpívají v lese a voda teče v potoce a světlušky poletují nocí, všechno jako dříve a tak jiné... A stonkovci, kam se poděli, že nepřišli?

## **4.2 Diskuze o relativní velikosti**

Doril seděl na hromadě dříví, nohy rozkročené, lokty na kolenou a zkoumal kudlanku, která mu seděla na hřbetu ruky. Chtěl, aby zvířátko vzlétlo nebo skočilo, ale zvířátko se k ničemu nemělo, možná spalo – nebo přemýšlelo? Doril se ho dotýkal nehtem malíčku a ono vůbec nic, bylo to divné, jako by to ani necítilo; kdyby Doril neviděl to jemné nafukování vzdušnic na krku – a na to jste se museli podívat

opravdu zblízka – řekl by, že je ten chudáček mrtvý, nebo že je to jenom umělý cvrček, který si dívky připíchnou na šaty jako ozdobu.

Doril se bavil zkoumáním kudlanky a neviděl přijít Dianu, která jedla kdouli, kyselé ovoce, ze kterého se dělá špatně a které je dobré jen na skřípání zubů. Zastavila se u hromady dříví a loupala kdouli zubama, slupku ale nevyplivla, nechtěla o nic přijít. Když už měla snědenou velkou část vrchní vrstvy a Doril si jí pořád nevšímal, vyplivla kousek dužiny s jadérkem a řekla:

– Sedíš tam jak opice na větvi.

Doril jen pozvedl oči a odpověděl:

– Sama jsi opice. Dokonce jíš banán.

– Copak kdoule je banán, ty osle?

– Není, ale vyjde to na stejno.

Mlčeli, oba přemýšleli o tom svém. Diana vyplivla další zrníčko.

– Vzpomínáš si na tu knížku o historii, co Mirto dostal?

– Jaký Mirto, ty jedna? Je to Milllton. Propána!

– No ale víš kterou? Teta Jura mijdá.

– Neříká se mijdá, ale mi ji dá. To ale není žádná výhra.

– Není to výhra? To je velká výhra.

– Copak jsi už nečetla tu Miltonovu?

– Četla, ale chci jí mít. Abych si ji schovala a přečetla znovu.

– Výhra je dostat další. Jinou.

– Jirou nechci. Nemusí být dobrá.

– Jak jsi to řekla? Řekni to znovu!

– Už jsem to řekla jednou, to stačí.

– Řekla jsi jirou.

– Neřekla.

– Řekla. Slyšel jsem tě.

– Neřekla.

– Řekla.

– Neřekla.

– Řeeekla.

Pokračovali by dál, až by to jednoho z nich přestalo bavit a zacpal by si uši, aby měl poslední slovo, ale Diana byla zvyklá ustoupit, jakmile pochopila porážku. S posledním kouskem kdoule mezi prsty přišla blíž k bratrovi a řekla:

- No teda! Zabíjíš kudlanku! Podívej, jak se trápí!
- Já že ji zabijím, já?
- Ublížeješ jí. Umře.
- Já že jí ubližuju?
- Otravovat tak maličkaté zvíře je stejné, jako mu ubližovat.

Doril neřekl nic, ať by řekl cokoli, využila by toho pro další obvinění. Bylo těžké Dianu umlčet, byla pěkně tvrdohlavá. Raději se dál díval na kudlanku. Jemně na ní foukl, schoulila se a prohnula tělo ve směru fouknutí, jako to dělá člověk ve vichru. Kudlanka byla uprostřed větrné bouře, takové, co lámou stromy a trhají střechy a můžou dokonce zvednout člověka ze země. Doril byl ta síla, která ovládala bouři a která ji mohla zastavit, kdykoli chtěla. Takže Doril byl Bůh? Není možné, že naše bouřky jsou také jenom jako? A ten, kdo je ovládá, nedívá se na nás stejně jako se Doril díval na kudlanku? Nejsme pro něj malí, jako je kobylka malá pro nás, nebo ještě menší? Jak asi malí – jako mravenec? Jako slepičí blecha? Jaká je vlastně naše velikost, ta opravdová?

Doril se zamyslel, porovnával věci kolem sebe. Bylo by legrační, kdyby lidé byli malinkatá stvořeníčka, žili v malinkatém světě a na nebi svítilo slunce velké jako vybuchlá rachejtle...

Diana si olizovala prsty a utírala si je do šatů. Jaká by byla její skutečná velikost? Jedna dlaň hlava, jedna dlaň hrud', dlaň a půl břicho, dlaň a půl ke koleni, dlaň a půl až k chodidlům... tak šest a půl dlaně. Čí dlaně? Kobylka může mít také šest a půl dlaně – ale kobylčích. Mravenec může mít šest a půl dlaně – mravenčích. A co zvířátka, která existují, ale my je nevidíme, protože jsou tak malá? Když existují zvířata, co nevidíme, nemůžou existovat i zvířata, která zvířata, co my nevidíme, nevidí? Kde velikost zvířat začíná a kde končí? Které je největší a které nejmenší? Není to zvláštní, jestli my

jsme také neviditelní pro jiná velmi velká zvířata, tak velká, že je naše oči neobsáhnou? A co když Země je hrozitánsky obrovské zvíře a my jsme jeho blechy? Ale to přece nejde! Jak můžeme být neviditelní, když jakýkoli člověk měří víc než metr?

Doril se podíval na zeď, kávovníky, banánovníky, všechno bylo o dost větší než on, banánovník má určitě přes dva metry...

Vtom si všiml, že kudlanka už mu nesedí na ruce. Hledal kolem a našel ji sedět na poleni, na konci pokrytém mechem. Doril pomaličku zvedl poleno, podíval se na něj zblízka a pomyslel si, že vrstva mechu připomíná hustý lesík, určitě plný...

– Kdy už necháš to zvířátko na pokoji? Tak velký chlap!

Doril opatrně položil poleno na hromadu a utřel si ruce do oblečení.

– Ty nevíš, jak jsem velký.

Podezřívavě se na něj podívala, bála se cokoli říct, aby mu nenaletěla, Doril pořád vymýšlel něco nového, aby ji popletl.

– Ty ani nevíš, jak jsi sama velká – trval na svém.

– Jak nevím? Už jsem se měřila a udělala jsem si uhlem značku za dveřmi v obýváku. Můžeš se tam podívat, jestli chceš.

Usmál se, protože takovou naivitu čekal.

– To nic neznamená. Nevíš, jak velká je ta značka.

– Vím. Maminka to změřila stuhou. Řekla, že je to metr dvacet a něco.

– V trpasličí míře. Nebo neviditelné.

Vylekaně se na něj podívala, podezřívavě; a protože ji nenapadla žádná odpověď, zamluvila to:

– Teda Dorile! Ty jsi ale trdlo!

– Sama jsi trdlo, když ničemu nerozumíš.

Čekala, až jí to vysvětlí:

– Ty nevíš, že jsme neviditelní, protože jsme tak malí?

– To tedy nevím. Neviditelné je klíště, které cítíme, ale nevidíme.

– Přesně tak. Jsme jako klíšťata.

Diana se rychle podívala na sebe, potom na Dorila.

– A jak to, že vidím sebe, vidím tebe a vidím matku?

– A ty si myslíš, že klíště nevidí klíště?

Diana se zamračila, přemýšlela. Doril měl samé divné nápady. Jako tenkrát, když chtěl posílat vzkazy pomocí myšlenek; posadil Dianu na truhlu ve sklepě, sám si lehl do sítě na verandě a myslel na vzkaz, potom volal oknem a ptal se, jestli ho dostala; ona ho chtěla dostat, ale nedostala a nemohla lhát, protože opravdu netušila, na co myslel. Doril řekl, že to popřela jen proto, aby mu to zkazila. A teď tenhle výmysl, že lidi jsou malá neviditelná zvířata.

– Tak to není, Dorile. Jsme velcí. Vždyť se podívej, jsi skoro stejně velký jako ta hromada dřeva.

– Vidíš, jak ničemu nerozumíš? Tohle není hromada dřeva. Je to hromada klacíků menších než sirka.

– Nesmysl, Dorile. Sirka je takhle velká – ukázala mezeru mezi dvěma prstíky znázorňující velikost, kterou si představovala.

– To, co ty ukazuješ, není velikost sirky. Sirka je skoro tak velká jako ty.

Diana se zamyslela, byla smutná, že je najednou tak malá. Doril toho využil, aby jí ještě poučil.

– Ty jsi tak hloupá, Diano. Všechno na světě je velmi malé. Svět je velmi malý. – Rozhlédl se a hledal nějaký příklad. – Vidíš tamtu žakii? Víš, jak je velká?

– Ano, vím. Asi jako meloun.

– No vidíš. Nevíš. Je velká jako mango.

Diana se podívala na zralou žakii, akorát na spadnutí, každou chvíli určitě spadne.

– Ale, to je nesmysl, Dorile. Srovnávat žakii s mangem?

– Jenže ty nevíš, že mango není mango.

– A co to tedy je?

– Je to zrnko rýže.

Diana se zoufale rozhlédla, hledala nějaký důkaz, že se Doril mýlí.

– A kokosovník je co?

- Kokosovník je snítka petržele.
- A já?
- Ty jsi dvounohý mravenec.
- Když jsem mravenec, tak jak to, že přeskočím potok?
- Jaký potok?
- Táhle.

Doril potřásl hlavou, usmál se.

- To není potok. To je prasklinka v zemi, široká jako vlákno nitě.
- A... A tamten kopec v dálce?
- To není kopec. Ty si myslíš, že je to kopec, protože jsi mravenec. Je to hromádka hlíny, která se vejde do kolečka.

Diana se prohlédla od shora dolů, na mravence si přišla velká.

- Kde ses to dozvěděl?

Potřebovala záruku nějakého odborníka, aby novou myšlenku přijala.

- Nikde. Přišel jsem na to.

Diana se jízlivě zasmála jako ten, kdo začíná chápat. Všechno to byl jeho výmysl, věci bez hlavy a paty, jako ta příhoda s přenášením vzkazu pomocí myšlenek.

Matka na ně z okna zavolala. Doril slezl z hromady, jedno poleno sklouzlo a poranilo mu kotník. Chtěl nadávat, ale vzpomněl si, že sirka nikoho nezraní. Matka znovu zavolala, rozběhl se a zakřičel za sebe:

- Kdo přijde poslední, je slimák.

Diana běžela také, spíš aby nezůstala sama, než že by závodila. Přeskočili starý škopek, obyčejnou zátku od převrženého piva. Přeskočili vlákno nitě, o kterém si Diana myslela, že je to potok. Doril zakopl o děravé vědro (totiž o náprstek s držátkem), rychle vyběhl po zubech hřebenu, které sloužily jako schody na verandu, a vešel do krabíčky od křídly, v níž bydleli. Matka, přísný mravenec s šátkem na hlavě, čekala ve dveřích a v rukou měla lžici a sklenici sirupu, lžice byla obyčejná slupka ze zrnka rýže. Doril otevřel pusou, zavřel oči a polkl, doušek sirupu stékal a páčil mravence v krku.

### **4.3 Drzý kohout**

Vsichni věděli, že se v tom kraji staví dálnice; lidé, kteří se tam odvážili, viděli dělníky, jak jezdí s kolečky, obsluhují stroje nebo sedí ve stínu, dřímají s kloboukem na koleni nebo jedí z plechovek, které dodával podnik; tvrdili, že jsou to porce dělané v laboratořích, vypočítané, aby zajišťovaly maximální výkon s minimální náplní. Kdo cestoval autem, dokázal přerušit práci inženýrů, ti ochotně přišli s přilbou v ruce, vysvětlovali, ukazovali plán, objasňovali význam některých znaků, kterým rozuměli pouze oni. Ale stavba trvala tak dlouho, že jsme už ani nečekali na její dokončení; kdyby se jednou ráno u vjezdu objevila zbrusu nová cedule, která by zvala lidi, aby projeli, nikdo by tomu nevěřil a myslel by si, že je to nějaký vtíp.

Jak čas plynul, inženýři začali být nervózní a měli špatnou náladu; říkalo se, že rozebírali a znovu stavěli obrovské úseky dálnice, protože si mysleli, že neodpovídají jejich věhlasu. Nestavěli nějakou obyčejnou dálnici; ukazovali, jak moc pokročila silniční technika. Došlo na protesty, udávání, žádosti o informace, ale protože úřady už nevěděli, o jakou dálnici se jedná, žádná odpověď nebyla vydána; a i kdyby odpověděli, byla by to tak technická mluva, že by jí nikdo nerozuměl, ani ti nejvěhlasnější profesoři, tou dobou už žádný z nich nové termíny neznal.

Kdo musel projít tímto krajem,razil si cestu pralesem, překonával řeky s vodou po prsa, vylézal a slézal kopce pokryté mimózami a akáciemi. Když jste se toho nejochotnějšího inženýra zeptali, kdy bude dálnice hotová, zamračil se a řekl suše, že až to bude, tak to bude.

Jednoho dne – starosti byly jiné, nikdo na tu záležitost už nemyslel – bylo oznámeno, že dálnice je konečně hotová a bude slavnostně otevřena. Po předběžné prohlídce, která byla provedena pozdě v noci za svitu loučí (určitě proto, aby se vyhnulo předčasnému nadšení), se určil den slavnosti s průjezdem oficiální kolony.

Toho dne jsme se nemohli dívat na dálnici zblízka, museli jsme zůstat na kopcích okolo, všude byli hlídači s rozkazem nenechat nikoho vkročit ani se dálnice dotknout. Spousta lidí si přinesla dalekohledy a teleskopy, kvůli nerovnosti terénu bylo složité teleskopy postavit, ale jejich majitelé si nakonec nějak poradili a dokázali na dálnici zaostřit. Kdo neměl optické přístroje, zařídil se, jak to šlo, rukama si udělal brýle nebo si jednoduše rukou na čele zastínil oči, aby trochu zmírnil sluneční záři, kterou asfalt prudce odrážel.

I z dálky bylo vidět, že dálnice je úžasná stavba. Mezi jízdními pruhy byla osázená místa, stromy byly ještě malé, ale zdálo se, že rychle porostou; kolem nich pak stezky pro cyklisty, cesty pro pěší. Mosty nabízely velkou podívanou a bylo jich tolik, že to vypadalo, že byly postaveny spíše na ukázkou dovednosti, než na řešení problémů s dopravou; v každém případě tam stály krásné a masivní, alespoň z dálky.

Pro velkolepost dálnice s jejími mosty, tunely a nájezdy lidé zapomněli na dlouhé čekání, dědictví z rodičů na děti, zapomněli na příbuzné a přátele, kteří zemřeli, aniž by se tohoto dne dočkali, zapomněli na objížďky, které museli překonat, a teď jen vychvalovali práci inženýrů, jejich svědomitost, že po sobě nezanechali odbyté dílo. Někdo navrhl umístit na dálnici tabuli se jmény všech, kteří ji stavěli, ale když se zjistilo, že neexistuje dílna schopná tak velkou tabuli vyrobit – nemluvě o rozsahu bádání, které by vyžadoval sběr všech dat a zkoumání dokumentů – nápad byl zavržen jako nemožný.

Je to smutné, ale nadšení netrvalo dlouho. Krátce po otevření se začaly dít jisté věci, zdá se, že hned od následujícího dne. Lidé, kteří jeli vyzkoušet znamenitost dálnice, se vraceli vyděšení a přísahali, že už tam nikdy nepojedou – pokud ovšem neupadli v žalostné mlčení, jako by utrpěli nějaký velký vnitřní otřes. A nemohl to být výmysl, všechny výpovědi se shodovaly.

Cestovatelé líčili, že se jim po dálnici jelo výborně, rovnost asfaltu je uspávala, když v tom najednou, bůhví odkud, se před autem objevil obrovský kohout. Nepomáhalo troubit, neuhnul; nepomáhalo

ani zvýšit rychlost, nenechal se chytit. Bylo to, jako by tlačil auto na nějaký pilíř, strom, kilometrovník. Když řidič dokázal manévrovat a vyhnout se katastrofě, kohout uplatnil jiný prostředek: vyskočil na auto a bušil zobákem do kapoty, a to takovou silou, že probodal ocel a auto pak vypadalo, jako by na něj nějaký zlosyn zaútočil krumpáčem.

Nikdy se neshodli na kohoutově velikosti, popisy rozrušených cestovatelů se pohybovaly od kuřete k oslovi. Možná měli všichni pravdu: kdo mohl dokázat, že si pokaždé nezměnil velikost? Mnoho výprav poslaných na jeho chycení skončilo úplným fiaskem. Vzali si dokonce rybářské sítě obsluhované vyhlášenými rybáři, ale kohout vždycky skrz oka sítě unikl. Po rybářích přišli na řadu lovci vybavení nejnovějšími zbraněmi; dorazili, zaujali pozice, namířili – minuli; když se trefili, místo aby zahlédli rozlétnutí per, uslyšeli zvuk odražené kulky, nic víc.

Nakonec se obrátili na ministerstvo války. Nejdříve poslali těžké dělo, které posloužilo jen na udělání děr do vozovky. Potom dělo odvolali a poslali tank s rozkazem zničit kohouta za každou cenu.

Když se kohout objevil, tank ho po určitou dobu pronásledoval, jako by mu chtěl dát příležitost utéct živý a už se nevracet. Kohout to asi nepochopil a byl stále dobře naladěný, věřil, že vede tank do záhuby. Vojáci ztratili trpělivost a zahájili palbu, několik výstřelů na krátkou vzdálenost. Kohout nebyl zasažen, ale spárami tanku se začal šířit kouř, sloupy dýmu čím dál tím tmavší, najednou tlumeně vybuchl, jako když spadne žakie na zem, a začal hořet. Když plameny uhasly, na zemi zůstala jen hora roztaveného kovu.

Nikdo už nechtěl dálnici používat, postupně se na ní zapomnělo a dnes jako by nikdy neexistovala. Jestli jednoho dne nějaká nová lidská rasa pokácí prales, který tam bude, určitě si všimne té široké cesty pokryté trávou a popínavými rostlinami; a jak bude kopat více do hloubky, objeví vrstvu asfaltu, tunely, mosty, nájezdy a všechno ostatní, a nepřestane obdivovat dokonalost, se kterou se stavěly dálnice za těchto našich časů. Pochopitelně pořídí snímky, napíše hlášení, přijdou s teoriemi, aby vysvětlili, proč tak dobře postavená

dálnice byla opuštěna. Hora roztaveného kovu bude záhadou, ale nějaký učenec ji vysvětlí jako kousek planety spadlé z dalekého vesmíru; možná ji vezmou do nějakého muzea a opatří ji cedulkou, aby poučili návštěvníky.

Pokud jde o drzého kohouta, jestli bude ještě existovat, bylo by zajímavé slyšet, jaké vysvětlení pro něj objevitelé najdou a jaký mu určí smysl – ale to, uznávám, je pátrání, které jde za hranice naší představivosti.

#### **4.4 Pes kanibal**

Bylo poznat, že je to pes, protože měl ocas stažený těsně mezi nohama, téměř přilepený na břicho, a také trochu kvůli jeho očím, ve kterých byl tak hluboký smutek, že mohly patřit jen vyhnanému psovi. Tlapy nedošlapovaly na zem jako tlapy jakéhokoli přiměřeně sebejistého psa; krácel bojácně, ohmatával, zkoušel. (Později se zjistilo, že na cestách ztratil polštářky a na chodidlech měl živé maso.) Odkud přišel, nikoho nezajímalo; prostě se tam zastavil, žalostný a nešťastný, příliš unavený, aby šel dál. Objevil se ráno, a kdo ho viděl ležet na kousku trávy pod jasmínem, myslel si, že je to toulavý pes, stejný jako všichni ti, co chodí po světě křížem krážem, zastavují se a čenichají, ale jsou vždy na pochodu, jako by jim příslušela nějaká neodkladná mise, jejíž místo a účel znají jen oni; nemělo ani cenu shánět mu jídlo, nejspíš by tam už nebyl, až by jídlo dorazilo.

Tenhle však vypadal, že nemá naspěch ani v úmyslu jít dál; zůstal ležet na boku, nedá se říct, že by odpočíval, protože ho mouchy nenechaly, ale dělal všechno, co mohl, aby měl trochu klidu.

Bylo zřejmé, že je hladový, ale ještě větší dojem budila jeho únava, možná kvůli ustavičnému boji s mouchami. Občas si asi myslel, že by mohl položit hlavu mezi tlapy a nechat zahánění nepřátel na zbytku těla. Ocas nepřestával šlehat vzduchem a celá srst se třásla,

jak škubal svaly; mouchy však tuto strategii rychle prokoukly a soustřeďovaly svůj útok na hlavu a uši. Bylo jich tolik a byly tak neodbytné, že je nemohl dlouho ignorovat: oháněl se po nich našťvaně tlamou a občas vyskočil, aby je mohl lépe chytit – ale bolest způsobená stébly trávy na nechráněných chodidlech mu připomněla, že nemá energie na rozdávání.

Jedno dítě z domu ho na stejném místě vidělo ještě uprostřed odpoledne a přineslo mu nějaké zbytky jídla. Prohlédl si chlapce nedůvěřivými očima a došel k závěru, že od něj nehrozí žádné nebezpečí. Najedl se, vylízal misku, zavrtěl ocasem, aby ukázal, že tu laskavost oceňuje. Nejspíš na stejném místě přečkal i noc, ale nikdo neslyšel štěkot ani vytí. Brzy ráno ho zavolali dovnitř a chlapec ho umyl pod kohoutkem na dvoře. Nebránil se ani to neztěžoval, sám si nejlépe uvědomoval nutnost koupele; věděl, že čistý pes má navrch, kamkoli přijde.

Po umytí začal vrtět ocasem, za první, protože znovu nabyl část své důstojnosti, za druhé, protože tušil, že za chvíli dostane další jídlo. Když vezmou toulavého psa dovnitř a dopřejí mu přepych koupele, logicky následuje miska žrádla.

V tu chvíli však začíná i složitá část vztahů mezi psem a lidmi. Tak jak čekal, dostal svůj oběd; a protože ho nevyhnali, vyložil si situaci tak, že ho budou trpět. Ale může se pes spokojit jen s tím, že je trpěn? Když se pravý pes cítí pouze trpěn, má na výběr dvě možnosti: buď se dožaduje pozornosti, nebo jde někam jinam, kde se může prosadit. Odchod je vždy ponižující, ví, že ve chvíli, kdy se otočí zády, na něj zapomenou – ovšem pokud se nestane to nejhorší: ani si nevšimnou, že odešel; dlouho potom se někdo nepřítomně zeptá, „a kam se vlastně poděl ten pes, co tu pobíhal?“ Poté, co očenichal prostředí, pochopil, že velkou pravděpodobnost úspěchu slibuje ta první možnost.

Pro začátek bylo potřeba nepřehánět to s vděčností. Když pes projevuje moc vděku, lidé si můžou myslet, že není zvyklý na dobré zacházení a jejich pozornost poleví; v takovém případě už pro něj není

v domě naděje. Nejlepší způsob, jak je přimět k úctě, je donutit je přemýšlet. Když někdo uvažuje, „kdo si ten mizera myslí, že je? Král světa?“, pes si může oddechnout, protože jeho místo je zajištěno. Místo toho, aby se vrhl k nohám prvního člověka, který na něj luskně prsty, rozumný pes musí jevit jistou dávkou lhostejnosti. Až po tom, co ten člověk naléhá, by měl poslechnout, přesto beze spěchu. Pokud nenaléhá, pes nemá co ztratit; naopak je záhodno nedůvěřovat těm, co nenaléhají.

Protože v těžké fázi prvních kontaktů uplatnil všechny svoje dovednosti, dokázal si získat pozornost a respekt. Za chvíli spal přesně tam, kde chtěl, bez obav, že na něj šlápnou nebo že ho vyženou. Neboť to je velký důkaz prestiže psa: nebýt vyhnán z místa, kde si lehl.

A měli ho tam tak rádi, že všechno zničili snahou zpříjemnit mu život. Když se dívali, jak si sám hraje na zahradě, někoho napadlo pořídit mu malého přítele. Mysleli si, že pak bude šťastnější, a po pravdě byl – nějakou dobu. Dlouhé hodiny válel s maličkým sudy v trávě, učil ho žít a získat si respekt, a kdo je viděl, jak se kutálí po zemi, pomyslel si: Ti jsou ale roztomilí! Dokonce vypadají jako bratři! A jak rychle se učil ten strakatý zlodějíček! Za chvíli už putoval z náruče do náruče; to však byla lekce, kterou ho ten větší nenaučil. Lidé z domu využili nevinnosti pejska a úplně si ho podmanili, byla to směšná výměna rolí. Dělal se mu zle, když viděl, jak ten malý chtivě přibíhá na nejabsurdnější zavolání a jak pokorně přijímá kárání a tresty. Tento stav nemohl skončit dobře. Dříve nebo později...

Situace se vyhrotila, když si začali na většího psa dovolovat, určitě se inspirovali přehnanou důvěrností, kterou udržovali s tím druhým. Už ho nenechávali spát, kde chtěl, a neskrývali své znechucení, že ho vidí v domě. Snášel všechno trpělivě a čekal, že to šílenství pomine.

Ale každá trpělivost má své meze.

Jednou spal s tlapami nahoru v rohu dlážděné verandy, nebyl ani uprostřed ani v cestě, ale v rohu, nikdo nemohl říct, že překáží. I přesto si někdo usmyslel, že si naplní pusou vodou, potichu se příkrade

a vyprskne ji na něj. Tak tohle vyděsí a naštve. Rychle se převalil, zvedl se a zůstal nechápavě stát; ale voda stékající po nohách a ta osoba, co si utírala pusou a zlomyslně se dívala, mluvily za vše. Byla to ubohá podlost, ale i tak si pomyslel, že bude lepší neztratit rozvahu, nezaštěkal ani neztropil kravál. Poměrně důstojně se odebral do stínu jasmínu.

Ten nápad vznikl náhle a on se hned rozhodl. Strakatý zlodějíček se právě vykoupal a válel se na slunci o pár metrů dál. Velký se zvedl ze stínu, narovnal přední tlapy a záda, jako by si chtěl lehnout jinak, ale bylo to jen, aby se protáhnul; ohromně zívł a vydal se k malinkému. Ten ležel na zádech a kopal do vzduchu, a když ucítil tu těžkou tlapu na prsou, usoudil, že je to nějaká hra, a ještě zavrnl jako hračka. První kousnutí mu poranilo měkké maso na břiše. Protože shledal tu hru příliš surovou, rozhodl se stáhnout; vrčel a kousal toho druhého do krku, ale mladá bradička neměla sílu uškodit a ten druhý pokračoval podle svého plánu a začal s měkkými částmi; určitě to měl vymyšlené, aby mu to vyšlo, kdyby se unavil nebo kdyby musel utéct kvůli nějaké vyšší moci. Ale nikdo na pomoc nepřispěchal, ti dva se spolu neustále prali a usmiřovali. Když se mu začalo dělat špatně, zbývaly už jen nejtvrďší kosti a krvavá skvrna na trávě. Kosti odnesl někam daleko, schoval, zahrabal; krev zůstala pro obyvatele domu záhadou.

Jestli si myslel, že od té doby bude šťastný, musel ve svých výpočtech přehlédnout něco velmi důležitého; od toho dne se totiž úplně změnil, tolik, že vypadal jako jiný pes. Obyvatelé domu si tuto změnu samozřejmě vykládali jako následek ztráty přítele (což také bylo) a dohodli se, že s ním budou mít trpělivost.

Bylo jim ho líto, když ho viděli se svěšenou hlavou, neustále chodil tam a zpět, aniž by někde našel klid. Přestože vypadal, že odpočívá, když ležel na boku na koberci, vystouplá žebra těžce oddychovala do rytmu a lesklá srst se při dýchání vlnila, bylo vidět, že je ten odpočinek jen zdánlivý. Když jste se podívali pořádně, všimli jste si, že jeho svaly se nikdy úplně neuvolnily, bylo v nich neustále

chvění, hukot vysokého napětí. Stačil nějaký vzdálený zvuk, jemný dotek, i třeba přistávající chmýří, a už vyskakoval na všechny čtyři, nastražil uši a zíral – což se dělo i bez jakéhokoli zřejmého důvodu.

Lidé k němu pociťovali zvláštní odpor a začali se mu vyhýbat; už ho nedrbali na hlavě, nečesali mu srst, nikdo ho netahal za uši, aby ho slyšel skučet, což je také způsob, jak psovi ukázat, že ho mají rádi. Teď už to byl jenom respekt, bázlivý respekt. Občas se uvelebil někde v cestě, jako by si přál, aby mu vynadali, aby ho vyhnali, aby ho zesměšlili; ale bylo vidět, že ho lidé raději nechtějí obtěžovat, poodstoupili, aby mohl projít. Protože neuměl plakat, zkoušel vybit úzkost neustálým chozením, možná doufal, že se unaví a jednou pro vždy padne k zemi. A čím více se pohyboval, tím více se zdálo, že je uvězněný za mřížemi nějaké klece.

## **5. Análise da tradução**

Durante o processo da tradução da língua original para a língua meta, no nosso caso de português para checo, ocorrem situações em que a estrutura das frases não pode ser mantida e uma série de alterações precisa de ser realizada. Essas mudanças podem ser de vários tipos. Uma delas são, por exemplo, as transformações gramaticais ou oracionais provocadas pelas diferenças no funcionamento das duas línguas. Porém, há também alterações causadas por razões não ligadas directamente ao sistema interior da língua. Um bom exemplo são as diferenças entre a realidade brasileira e a checa – a nomenclatura da fauna e flora brasileira, em muitos casos desconhecida em checo, ou o vocabulário ligado à agricultura. Outro exemplo é a aliteração não desejada que surgiu na tradução para checo que tem de ser evitada mesmo causando alteração do significado do texto original.

Todas estas mudanças serão analisadas neste capítulo dividido em duas partes: a primeira examina as alterações descritas pelo linguista Josef Dubský no seu livro *Capítulos da estilística funcional comparada*<sup>15</sup> e a segunda apresenta outros tipos de transformações que surgiram na tradução. Alguns exemplos das alterações podiam classificar-se como pertencentes a duas ou mais categorias. Neste caso foi escolhido o fenómeno mais interessante, porém, há casos em que o mesmo exemplo aparece várias vezes na análise por apresentar vários elementos notáveis. Para uma melhor orientação cada exemplo é introduzido pelo número da página em que se encontra.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Dubský, Josef. *Capítulos de estilística funcional comparada*. Praha: SPN, 1988.

<sup>16</sup> Os textos em original estão situados no anexo e a sua tradução no capítulo 4 deste trabalho.

## **5.1 Processos de tradução segundo Dubský**

No seu livro Josef Dubský cria um inventário de alterações que podem surgir no processo da tradução. Foram escolhidas seis categorias principais – transposição, concentração e economia, amplificação e diluição, explicitação e implicação, modulação, compensação – e as transformações surgidas na tradução dos contos de Veiga serão organizadas nelas.

### **5.1.1 Transposição**

A transposição na tradução é alguma mudança na categoria gramatical (p. ex. a mudança das classes das palavras), na categoria oracional (p. ex. a mudança da voz activa para a passiva, mudança no termo essencial da frase ou a transformação de gerúndios para várias formas finitas) ou no plano da semântica lexical (p. ex. a construção de preposição e verbo muda para outro tipo de construção).

#### **5.1.1.1 Transposição gramatical**

Nesta categoria serão apresentadas algumas das mudanças da classe da palavra e também do número do nome. O primeiro exemplo mostra a transformação de um substantivo introduzido por preposição em advérbio. Certamente, a língua checa tem maneiras da tradução literal da construção *no caminho* – *po cestě* que também tem a função locativa e temporal. Porém, na opinião do tradutor, a função temporal é a mais importante e, por esse motivo, foi escolhida a palavra *přitom*.

(p. 45)...*no caminho* apanhando as frutas...

(p. 23)...*přitom* sbíralo ovoce...

Algumas alterações são causadas por hábitos diferentes no uso de verbos. Enquanto em português é comum a combinação do verbo *sair* com um adjectivo, a língua checa neste caso prefere um advérbio. Assim o exemplo seguinte ficou:

(p. 49)...*saiu alegre* com o facão...

(p. 27)...*odešel vesele* s mačetou...

As duas línguas diferem no uso de interjeições cujo emprego é bastante individual e depende sempre do autor se quer usar esta classe de palavras ou se prefere evitá-la. O checo, em geral, escolhe outra classe das palavras para evitar a presença da interjeição na frase. O exemplo seguinte mostra o emprego de verbo para consegui-lo.

(p. 40)...ô *menina renitente*.

(p. 31)...byla *pěkně tvrdohlavá*.

O emprego da categoria do número do substantivo é consideravelmente diferente em português e em checo. O português brasileiro, especialmente na sua forma falada, permite o uso do singular no sentido do plural. Checo, porém, não permite este uso e a forma de plural tem de ser mantida na forma da palavra. Por isso na frase seguinte foi transformado o singular português para o plural checo.

(p. 45)...*na claridade não há bicho perigoso*.

(p. 23)...*na světle nejsou nebezpečná zvířata*.

Outra razão para a mudança do número é o uso duma língua. Falando de sonhos o checo prefere plural sem nenhum motivo óbvio. Assim o número original foi alterado para o plural mantendo também o aspecto durativo do tempo imperfeito.

(p. 45) *Mas em sonho eles apareciam bem visíveis...*

(p. 23) *Ale ve snech byli dobře vidět...*

#### 5.1.1.2 Transposição oracional

A categoria da transposição oracional representa as modificações na estrutura da frase como são, por exemplo, a mudança da frase coordenada em subordinada, a mudança da voz activa para a passiva, a transformação duma construção verbal para a nominal ou vice versa. As alterações de termos essenciais da frase também pertencem a este grupo de transformações.

As formas nominais ou infinitas do verbo, isto é, o infinitivo, o gerúndio e o participio, são naturais em português mas pouco

frequentes em checo. Na nossa língua estas formas existem mas o uso actual delas é reduzido e trocado pelas formas finitas. No que se refere aos gerúndios, na maioria dos casos foram transformados em uma frase coordenada ou subordinada. Examinando as frases coordenadas vê-se que estão justapostas, ou seja, separadas somente pela vírgula:

(p. 70)...*pisavam a medo, apalpando, experimentando.*

(p. 38)...*kráčel bojácně, ohmatával, zkoušel.*

(p. 45)...*os pais dormindo, roncando...*

(p. 23)...*rodiče spali, chrápali...*

ou ligadas pela preposição aditiva *a*:

(p. 49)...*esses chegavam pedindo muita licença...*

(p. 27)...*ti přicházeli a žádali zdvořile o dovolení...*

(p. 72) *Aproveitando-se da inocência do cãozinho as pessoas da casa conquistaram-no completamente...*

(p. 40) *Lidé z domu využili nevinnosti pejska a úplně si ho podmanili...*

Há casos em que as orações reduzidas de gerúndios foram transformados em frases subordinadas adverbiais de três tipos: a causal, a temporal e de modo, conforme o tipo da relação existente entre a frase principal e a frase dependente, expressa pelo gerúndio. As orações causais exprimem alguma causa ou motivo e em checo costumam ser introduzidas pela conjunção *protože* ou pela combinação de *a* e *protože*:

(p. 72) *Aplicando todas as suas habilidades...*

(p. 40) *Protože (...) uplatnil všechny svoje dovednosti...*

(p. 45) *Sendo o bicho mais esquisito...*

(p. 23) *A protože to bylo nejpodivnější zvíře...*

No exemplo seguinte o gerúndio indica a simultaneidade de duas acções expressas num período. Por isso, esta forma infinita foi transformada em frase subordinada adverbial temporal que junto com a frase coordenada consegue manter esta simultaneidade.

(p. 72) *Vendo-o brincar sozinho no jardim...*

(p. 40) *Když se díváli, jak si sám hraje na zahradě...*

Por fim, as frases de modo ou modais representam algum modo ou maneira que modifica ou esclarece a frase coordenada. Assim no primeiro exemplo a subordinação explica a maneira como andam os didangos substituindo assim o gerúndio.

(p. 45)...*o bicho andava firmando uma ponta no chão...*

(p. 23)...*zvíře chodilo tak, že zapřelo jeden konec o zem...*

Em outros dois exemplos há um caso especial da frase modal que em checo chama-se *vedlejší věta doplňková*. Em ambos os períodos há o verbo *ver* seguido por dois gerúndios que correspondem em checo a duas frases subordinadas modais. No primeiro caso as frases subordinadas em checo estão ligadas pela conjunção aditiva *a*, no outro caso trata-se duma justaposição das frases subordinadas:

(p. 50)...*mas quando viu o pai chegando com Venâncio, cada um trazendo inocentemente uma bandeira de feijão na cabeça...*

(p. 28)...*ale když ho viděl, jak klidně přichází s Venânciem a každý nese ošatku fazolí na hlavě...*

(p. 66)...*peessoas (...) viam trabalhadores empurrando carrinhos, manobrando máquinas...*

(p. 35)...*lidé (...) viděli dělníky, jak jezdí s kolečky, obsluhují stroje...*

Como já foi mencionado, os gerúndios costumam ser transformados principalmente em frases subordinadas adverbiais. Ao contrário, o infinitivo, outra forma verbal infinita, não tem a transformação tão regular, sendo traduzido frequentemente por uma frase subordinada substantiva ou adverbial ou por uma frase coordenada. No primeiro caso, a transformação do gerúndio na forma finita exige o uso duma frase subordinada que neste exemplo é substantiva subjectiva porque exerce a função do sujeito.

(p. 67)...*mas prometendo crescer com vigor...*

(p. 36)...*ale zdálo se, že rychle porostou...*

Outro tipo de frase subordinada substantiva é a frase predicativa em que a parte subordinada cumpre o papel do predicativo do sujeito.

(p. 70) *Mas aquele parecia não ter pressa...*

(p. 38) *Tenhle však vypadal, že nemá na spěch...*

O carácter nominal do português permite o uso de vários infinitivos num só período sem causar estranheza ou dificuldades da compreensão. As duas frases coordenadas do exemplo seguinte são bastante complexas. São duas construções infinitivas ligadas por uma conjunção aditiva que expressam quatro acções diferentes. Em checo há uma forte preferência de expressão de uma acção verbal em cada frase, por isso, este período coordenado foi transformado em vários tipos de frases. A construção *achou de encher* foi dividida em duas partes: *achar* e *de encher*, criando assim uma frase coordenada que introduz o significado de *achar/ter ideia* e uma frase subordinada substantiva objectiva directa ligada por vírgula e pela conjunção *že*. Seguem mais duas frases subordinadas do mesmo tipo ligadas por vírgula e pela conjunção *a*.

(p. 73)...*alguém achou de encher a boca de água e vir de mansinho esquichá-la nele.*

(p. 40)...*někdo si usmyslel, že si naplní pusu vodou, potichu se přikrade a vyprskne ji na něj.*

O infinitivo também pode ser modificado em uma frase subordinada adverbial temporal, como no caso seguinte:

(p. 72) *Dava engulhos ver a sofregidão dele...*

(p. 40) *Dělalo se mu zle, když viděl, jak ten malý chtivě...*

ou num período coordenado assindético para que seja mantida a economia da expressão do autor:

(p. 66)...*eles vinham solícitos com o capacete na mão dar explicações, mostrar o projeto no papel, esclarecer...*

(p. 35)...*ti ochotně přišli s přílbou v ruce, vysvětlovali, ukazovali plán, objasňovali...*

O resultado da transformação de um infinitivo é às vezes um simples substantivo. Neste exemplo a forma infinita introduzida pela preposição *a* foi mudada para um nome com preposição:

(p. 71)...*tem dois caminhos a seguir...*

(p. 39)...*má na výběr dvě možnosti...*

No exemplo seguinte foi necessário manter o carácter económico da escrita e evitar o uso duma frase subordinada. Por isso, o infinitivo foi transformado em forma finita e o numeral ordinal em advérbio.

(p. 71)...*era o primeiro a reconhecer a necessidade de limpeza...*

(p. 39)...*sám si nejlépe uvědomoval nutnost koupele...*

O terceiro tipo de verbo na forma infinita é o participio que também serve para condensar frases, porém nos contos não foi usado tanto como o gerúndio. Para evitar esta forma ocorreram alterações necessárias. A língua checa evita uso de uma construção adjectival tão complexa como no caso seguinte, por esse motivo foi transformada em uma frase coordenada.

(p. 41)...*alumiado por um sol do tamanho de uma rodela de confete...*

(p. 31)...*a na nebi svítlo slunce velké jako vybuchlá rachejtla...*

Neste outro caso o participio foi substituído por uma frase subordinada modal e a palavra *contrações* foi eliminada para simplificar a construção da frase.

(p. 70)...*e todo o pêlo tremia repuxado pelas contrações dos músculos...*

(p. 38)...*a celá srst se třásla, jak škubal svaly...*

Uma das transposições oracionais é também a alteração na voz do verbo. As línguas mais analíticas, como, por exemplo, português ou inglês, empregam o passivo com relativa facilidade e o seu uso não é incomum. Em checo, todavia, há preferência da voz activa dos verbos. Por isso as construções passivas foram transformadas nas activas. No primeiro exemplo, o passivo é substituído pelo sujeito indeterminado na terceira pessoa do plural.

(p. 71) *Quando um cachorro errante é levado...*

(p. 39) *Když vezmou toulavého psa dovnitř...*

No segundo caso há um período coordenado. O agente da acção da primeira frase é introduzido somente na frase seguinte e por isso foi usado o passivo. Em checo, para evitar a construção passiva, o agente

foi antecipado para a primeira frase criando assim o sujeito determinado simples e o verbo na forma finita.

(p. 70)...*mas essa estratégia era logo descoberta e as moscas concentravam...*

(p. 39)...*mouchy však tuto strategii rychle prokoukly a soustřeďovaly...*

Entre as alterações sintácticas pertencem as mudanças do carácter nominal ou verbal numa construção. Mais uma vez os recursos analíticos são comuns em português e indesejáveis em checo. Por isso várias construções nominais foram transformadas nas verbais, como as duas seguintes em que a mudança da construção preposicional numa frase coordenada é motivada pela preferência no uso da língua.

(p. 46)...*o coração batendo alto, sem coragem de se levantar do chão para olhar...*

(p. 24)...*srdce mu hlasitě tlouklo, neměl odvahu zvednout se ze země a podívat se...*

(p. 49)...*com uma pedra grande encaixada numa ponta para compensar a diferença de peso...*

(p. 27)...*na jednu stranu zavěsil velký kámen, aby se vyrovnal váhový rozdíl...*

As construções nominais foram transformadas em frases subordinadas. No primeiro dos dois exemplos seguintes a forma nominal mudou na frase subordinada substantiva objectiva directa, no segundo numa frase subordinada adverbial causal.

(p. 70)...*quem o viu (...) pensou em um cão errante...*

(p. 38)...*kdo ho viděl (...), myslel si, že je to toulavý pes...*

(p. 69)...*armarão teorias para explicar o abandono de uma estrada tão bem acabada.*

(p. 37)...*přijdou s teoriemi, aby vysvětlili, proč tak dobře postavená dálnice byla opuštěna.*

Falando da sintaxe da frase é preciso mencionar as alterações no nível dos termos essenciais da frase. Os primeiros dois exemplos

mostram uma transformação simples de um termo para outro. No primeiro caso o sujeito *ninguém* mudou no objecto indirecto *nikoho*:

(p. 70) *De onde estaria vindo, ninguém (S) se interessou (V) em saber...*

(p. 38) *Odkud přišel, nikoho (OI) nezajímalo (V)...*

No segundo o complemento nominal *atenções* muda para sujeito *pozornost*:

(p. 71) *...e acabam relaxando nas atenções (CN)...*

(p. 39) *...a jejich pozornost (S) poleví...*

Os casos mais complexos de alterações de termos da frase apresentam a transformação de verbo para a cópula com predicativo do sujeito e vice versa.

(p. 45) *Mas o medo (S) puxa (V)...*

(p. 23) *Ale strach (S) je (Vcop) silnější (PSu)...*

(p. 66) *...os engenheiros foram ficando (Vcop) nervosos e mal humorados (Psu)...*

(p. 35) *...inženýři začali být nervózní a měli (V) špatnou náladu (OD)...*

### **5.1.2 Concentração e economia**

Quando uma língua usa menos recursos para expressar o mesmo significado fala-se da concentração ou economia nas transformações. As construções condensadas, como são as formas infinitivas dos verbos, são frequentemente empregues. As construções nominais são também um exemplo da concentração.

Neste processo podem ser omitidos vários membros duma frase ou frases inteiras. Um caso bastante simples é a omissão de objecto como nos dois exemplos seguintes. No primeiro, onde foi omitido o objecto directo, foi precisa uma redução do número dos componentes da frase nominal complexa. No segundo caso o significado do objecto indirecto omitido já está incluído no verbo, por isso a sua presença é redundante.

(p. 70) *...e deixar ao resto do corpo o trabalho com de repelir os inimigos.*

(p. 38) *...a nechat zahánění nepřátel na zbytku těla.*

(p. 70)...*ninguém se interessou em saber*...

(p. 38)...*nikoho nezajímalo*...

Noutro exemplo é representada a omissão do advérbio não necessário em checo.

(p. 45)...*muitos bichos lá fora*...

(p. 23)...*venku spousta zvířat*...

Para os fins de economia da língua pode ser omitida também a finalidade duma frase, deixando-a implícita.

(p. 47)...*teve vontade de ir atrás para fazer companhia*...

(p. 25)...*chtěl jít za ní*...

Apesar de a língua checa preferir as construções verbais há casos em que o uso do verbo é excessivo e indesejável. Isso acontece principalmente nas construções complexas verbais comuns para português. Nestas situações um dos verbos foi omitido para simplificar a frase.

(p. 50)...*e iam embora deixando dinheiro para comprar alguma coisa para o menino*...

(p. 27)...*a zase šli a nechali peníze na něco pro chlapce*...

(p. 72) ...*não ser tocado do lugar que escolheu para deitar-se*.

(p. 40)...*nebýt vyhnán z místa, kde si lehl*.

Em algumas situações pode ser omitida só a qualidade modal do verbo como aconteceu no caso seguinte onde o verbo modal foi substituído por uma partícula modal *nejspíš*.

(p. 71) *Deve ter passado a noite no mesmo lugar*...

(p. 39) *Nejspíš na tom místě přečkal i noc*...

Um tipo especial da economia é a condensação que é hierarquizada segundo o grau da concentração e vem das construções paratáticas e formas infinitas até às construções nominais que são consideradas as mais condensadas.<sup>17</sup> No exemplo seguinte a frase subordinada adverbial temporal foi condensada numa construção nominal representada por um único substantivo *příchod*.

---

<sup>17</sup> Dubský, op. cit. p. 31.

(p. 46) *Um dos grandes foi quando o Venâncio apareceu.*

(p. 24) *Příchod Venância byl jednou z nich.*

### **5.1.3 Amplificação e diluição**

Esta categoria é o contrário da concentração e economia, ou seja, a língua meta usa mais recursos para exprimir o mesmo significado. Neste processo os verbos principais são transformados em construções verbais com verbos auxiliares ou preposições, os infinitivos em frases subordinadas, as construções nominais pouco extensas mudam em estruturas mais complexas etc.

O advérbio *propriamente* não tem um evidente equivalente em checo e para expressar o mesmo significado é preciso usar uma construção verbal seguida por uma frase subordinada substantiva subjectiva.

(p. 70)...*não propriamente descansando...*

(p. 38)...*nedá se říct, že by odpočíval...*

A ausência do equivalente do advérbio *aliás* causou a transformação duma construção nominal para uma verbal com uma conjunção adversativa.

(p. 72)...*aliás uma lição que o maior não ensinou.*

(p. 40)...*to však byla lekce, kterou ho ten větší nenaučil.*

Na reformulação no caso seguinte a construção nominal introduzida por preposição foi mudada para uma construção verbal.

(p. 72)...*numa inversão ridícula de papéis.*

(p. 40)...*byla to směšná výměna rolí.*

Como foi mencionado na introdução deste capítulo alguns tipos de reformulações podem ser classificadas em várias categorias como, por exemplo, na frase seguinte. Ali o infinitivo muda em frase subordinada objectiva directa o que é, também, a transposição oracional. Porém, é um bom exemplo do acréscimo em número de recursos.

(p. 49)...*estava sempre inventando novidades para fazer...*

(p. 27)...*neustále vymýšlel, co nového by se dalo udělat...*

O mesmo caso da dupla categoria é o exemplo que vem em que um gerúndio é transformado numa frase subordinada adverbial modal.

(p. 50)...*e não dizia nada, fiscalizando e guardando.*

(p. 27)...*a nic neříkal, všechno si prohlížel, jako by mu to patřilo.*

#### **5.1.4 Explicitação e implicação**

Nestes processos de tradução examina-se o grau da explicitação ou implicação da língua meta em relação à língua original. Geralmente trata-se das relações no nível do léxico.

##### 5.1.4.1 Explicitação

Quando a língua meta é mais explícita do que a língua original fala-se da explicitação.

O vocabulário ligado a cães é bastante específico em checo. Falando dos membros destes animais a língua checa usa a expressão *tlapy* deixando a palavra *pernas* principalmente para os humanos. Todavia esta palavra tem uma conotação de grandeza que, infelizmente, não pode ser evitada. Nesta sensação de grandeza a versão checa é mais explícita.

(p. 70) *As patas não se firmavam no chão...*

(p. 38) *Tlapy nedošlapovaly na zem...*

Para exprimir a alegria o cão não só levanta o rabo mas também o mexe. Um simples levantamento do rabo não teria significado nenhum e por isso a nossa língua tem de ser mais precisa neste caso.

(p. 71) *Com o banho ele começou a levantar o rabo...*

(p. 39) *Po umytí začal vrtět ocasem...*

Quanto à palavra *comida*, o checo faz diferença entre a alimentação dos humanos (*jídlo*) e dos animais (*žrádlo*), principalmente quando se fala do prato. Esta regra deve ser mantida

porque a troca destas duas palavras poderia causar pejoração ou estranheza.

(p. 71)...*a sequência lógica é um prato de comida.*

(p. 39)...*logicky následuje miska žrádla.*

A polissemia da palavra *saída* permite várias interpretações, uma delas sendo uma maneira de fugir duma situação difícil. O checo, porém, não possui uma palavra completamente equivalente. Assim foi preciso explicitar a possibilidade da fuga.

(p. 47) *Não vendo nenhuma saída...*

(p. 24) *Protože neviděl žádnou možnost úniku...*

Nos dois casos seguintes foi, por razões semânticas preciso, de especificar os substantivos cujo sentido não é transparente.

(p. 68)...*ouviam um guincho de ricochete...*

(p. 37)...*uslyšeli zvuk odražené kulky...*

(p. 69)...*rolos cada vez mais escuros...*

(p. 37)...*sloupy dýmu čím dál tím tmavší...*

#### 5.1.4.2 Implicação

A implicação é a omissão ou generalização de algum elemento do significado duma palavra.

No exemplo seguinte há uma implicação verbal porque o checo não dispõe equivalente do verbo *firmar* que em si inclui o acto de pisar no chão e a firmeza. Na nossa língua usamos principalmente o verbo *pisar* omitindo assim a qualidade de firmeza.

(p. 70) *As pernas não se firmavam no chão...*

(p. 38) *Tlapy nedošlapovaly na zem...*

Em checo a implicação é bastante comum na designação das partes do corpo humano. Os checos gostam de chamar o braço inteiro *ruka* e a perna inteira *noha* não tomando em conta as partes deles. Este fenómeno de sinédoque não é tão comum em português que prefere designar explicitamente da qual parte se trata. Assim a tradução para checo é menos explícita.

(p. 48)...*tinha um pé machucado...*

(p. 26)...*jednu nohu měl poraněnou...*

Entre duas realidades extralinguísticas tão distantes há um grande número de diferenças. Entre as culturais pode-se contar o sistema das medidas. Enquanto na República Checa usam-se litros e às vezes galões (cerca 4 litros), no Brasil existe um coité que tem aproximadamente 10 litros. Beber este volume de água é impossível e, por isso, a medida tornou-se uma hipérbole na narração. Como o checo não tem nenhum equivalente desta medida, o coité foi substituído por *džbán* o que em si também leva um volume grande, todavia a hipérbole diminuiu.

(p. 49)...*bebeu um coité de água...*

(p. 26)...*potom vypil džbán vody...*

Mais uma diferença é a fauna e flora típica duma região mas inexistente na outra. O arbusto chamado *embira* é bastante conhecido no Brasil e o povo sabe das suas qualidades elásticas ou flexíveis, assim como os checos conhecem o salgueiro. Todavia seria errado substituir a planta tipicamente sul-americana pela checa. Por isso, no processo de implicitação, *embira* foi transformada em *varas* (*pruty*) que exprime a elasticidade da planta e a possibilidade de fazer uma corda dela.

(p. 49)...*tirar varas e embira...*

(p. 26)...*nařezat větve a pruty...*

### **5.1.5 Modulação**

Quando a expressão duma situação difere entre duas línguas somente no ponto de vista fala-se da modulação. São, por exemplo, as metáforas como o contraste entre *makovice* em checo e *coco* em espanhol.<sup>18</sup> Nos dois casos seguintes pode-se ver mais um exemplo da modulação, isto é, a transformação do modo negativo para o positivo.

---

<sup>18</sup> Id., Ibid., p. 45.

(p. 47) *Quando a porta escureceu de novo ele não levantou os olhos...*

(p. 25) *Když dveře znovu potemněly, hleděl do země...*

(p. 40)...*se Diana não tivesse tido a habilidade de se retirar logo que percebeu a dízima.*

(p. 31)...*ale Diana byla zvyklá ustoupit, jakmile pochopila porážku.*

A troca dum a actividade pela percepção dela também faz parte desta categoria. Para expressar o prefixo *re-*, que exprime que alguma acção acontece de novo, é preciso usar o advérbio *znovu* e o verbo de percepção o que é mais natural do que o novo começo do ato de andar.

(p. 47) *Felizmente os passos recomeçaram...*

(p. 25) *Naštěstí znovu uslyšel kroky...*

### **5.1.6 Compensação**

O objectivo da compensação é preservar o tom geral do texto. Trata-se, por exemplo, da fala coloquial, agramaticalidade das palavras ou fala infantil. Em algumas situações pode ser difícil, impossível ou impróprio usar estes recursos no mesmo lugar onde os emprega o texto original. Todavia, para manter o tom do texto não podem ser omitidos completamente mas sim expressos nalgum outro lugar em que a língua meta permite.

Um caso especial é a questão da sinonímia criada na tradução mas não usada pelo autor. Veiga fala sobre *ruídos* e *barulhos* mas o checo prefere a denominação *zvuk* em ambos os casos. Assim foi criada uma sinonímia indesejável.

(p. 45) *...o autor dos ruídos da origem desconhecida...*

(p. 23)...*původce neznámých zvuků...*

(p. 45)...*deduzidos dos barulhos que vinham da mata...*

(p. 23)...*vymyšlená podle zvuků, které přicházely z pralesa...*

Para compensar esta modificação foi quebrada a sinonímia criada de propósito pelo próprio autor: a palavra *gritos*, polissémica em português, foi traduzida por duas palavras mais específicas. Assim foi

recompensada a sinonímia criada pelo tradutor e foi mantida a diversidade da expressão da narrativa.

(p. 47)...esperou os gritos dela...

(p. 25)...čekal její výkřiky...

(p. 48)...até que ouviram o grito do pai:

(p. 36)...dokud neuslyšeli otcovo volání:

## **5.2. Outros fenómenos na tradução**

Durante a tradução das narrativas para a língua checa surgiram não só as transformações já mencionadas mas apareceram também outros fenómenos interessantes. Entre eles há a questão dos títulos dos contos, o sistema da pontuação e da conjunção em português, as diferenças do carácter extralinguístico ou a questão da fraseologia.

### **5.2.1 Títulos dos contos**

O título do conto deveria, como outros elementos da tradução, manter a semântica do texto original. No título do conto «O Galo Impertinente» há um substantivo e um adjectivo o que foi mantido na tradução, todavia o número das sílabas no adjectivo foi reduzido por falta de equivalência no significado e na extensão da palavra.

(p. 66) *O Galo Impertinente*

(p. 35) *Drzý kohout*

As mesmas classes de palavras encontram-se no título de «O Cachorro Canibal», porém neste caso a palavra canibal pode ter o papel de adjectivo e substantivo no mesmo tempo. O adjectivo *kanibalský* não é tão comum em checo, por isso foi escolhido o substantivo. Assim foi também conservada a nominalização do texto original.

(p. 70) *O Cachorro Canibal*

(p. 38) *Pes kanibal*

No conto «Onde Andam os Didangos?» o menino inventa um animal que vive na selva perto da casa dele. Ele acaba por chamá-lo de *didango*. Trata-se duma palavra que não existe em português e não tem nenhuma conotação. A palavra pode ser dividida em três partes: prefixo *di-* (duplo), preposição *de* e *-ango* que lembra a palavra *ângulo*. Todavia estas conotações não são transparentes ao leitor e não foram consideradas na tradução. Consequentemente, foi levada em conta a aparência dos animais que parecem um canudo e foram criadas duas opções: *stonkovci* e *slámkovci*. Examinando o grau da estranheza destas duas palavras foi escolhido o mais estranho e o menos transparente – *stonkovci* – para exprimir o carácter extraordinário da palavra *didango*.

O título deste conto é uma pergunta, porém não interroga a localização dos animais mas sim, a razão por quê eles não apareceram para ajudar na situação difícil. Assim a tradução certa é seguinte:

(p. 45) *Onde Andam os Didangos?*

(p. 23) *Kam se poděli stonkovci?*

No caso do último conto não houve nenhuma alteração na forma nem no significado.

(p. 39) *Diálogo da Relativa Grandeza*

(p. 29) *Diskuze o relativní velikosti*

### **5.2.2 Pontuação e harmonia**

O estilo da escrita do autor é bastante económico. Veiga usa muitas construções condensadas ligadas por vírgulas o que cria um ritmo rápido da narração. Este emprego da economia é compreensível e aceitável em português. A língua checa tenta evitar as justaposições e prefere o uso de conjunções. Para manter o carácter condensado do texto original foram empregues as justaposições também em checo, todavia há situações em que a quantidade de informações numa frase foi tão densa que foi impossível mantê-las em uma frase só e as frases foram separadas pelo ponto-e-vírgula ou por uma conjunção.

Nos casos seguintes há uma justaposição de acções diferentes num período. Para evitá-la foi usado o ponto-e-vírgula que dividiu as duas unidades do período, porque neste caso a conjunção *a* não soa bem.

(p. 70) *Mas aquele parecia não ter pressa ou intenção de seguir, e lá ficou deitado...*

(p. 38) *Tenhle však vypadal, že nemá naspěch ani úmysl jít dál; zůstal ležet...*

(p. 71) *...era o primeiro a reconhecer a necessidade de limpeza, sabia que...*

(p. 39) *...sám si nejlépe uvědomoval nutnost koupele; věděl, že...*

No período seguinte foram inseridas construções condensadas no meio do período narrativo. Estas construções são consideravelmente extensas e estão separadas somente por vírgulas o que cria uma confusão no fim do período onde é difícil identificar a relação da última frase. Por esse motivo as construções inseridas foram separadas por travessões.

(p. 67) *...mas quando se descobriu que não havia oficina capaz de fazer uma placa do tamanho necessário, não se falando na massa de pesquisa que seria preciso para um levantamento completo, as buscas em documentos antigos, a idéia foi abandonada por inviável.*

(p. 36) *...ale když se zjistilo, že neexistuje dílna schopná tak velkou tabuli vyrobit – nemluvě o rozsahu bádání, které by bylo potřeba na sběr všech dat a zkoumání dokumentů – nápad byl zavržen jako nemožný.*

A tradução deveria manter a harmonia sonora do texto original. Apesar de o autor usar frequentemente a repetição das palavras, não usa a repetição dos sons. Por isso a aliteração indesejada que surgiu no processo da tradução teve de ser eliminada mudando duma certa maneira o significado original da palavra. No exemplo seguinte ocorreu a aliteração da letra *p*: *pomalů položil poleno*. Para diminuir este fenómeno a palavra *pomalů* foi trocada por *opatrně*, sobrando somente dois sons /p/ na tradução o que não chama tanta atenção do leitor.

(p. 41) *Doril largou o pau devagarinho na monte...*

(p. 32) *Doril opatrně položil poleno na hromadu...*

No exemplo seguinte ocorreu uma desarmonia causada pela repetição do prefixo *před*. O equivalente mais preciso da palavra *evitar* é *předejít* todavia esta palavra está seguida por *předčasněmu*. Este encontro de prefixos idênticos não está no texto original, não falando da cacofonia que cria. Por este motivo a palavra *evitar* foi traduzida como *vyhnout*.

(p. 67)...*para evitar entusiasmos prematuros...*

(p. 35)...*aby se vyhnulo předčasněmu nadšení...*

### **5.2.3 Erros na pronúncia**

No discurso infantil são comuns os erros gramaticais e fonéticos devido ao conhecimento incompleto da língua. Estes elementos fazem parte da estilização do texto original e têm de ser mantidos na língua meta. No caso dos contos escolhidos de Veiga, este fenómeno acontece somente no conto «Diálogo da Relativa Grandeza» onde a menina Diana faz erros na pronúncia do português.

No primeiro caso a menina confunde dois sons no nome Milton, o /l/ e o /r/ o que é bastante comum no português brasileiro e no europeu. Este efeito não tem tanta frequência em checo, porém, há casos das trocas destes dois sons, principalmente pelas crianças. A elipse da consoante final é típica do português falado. Neste caso a elipse dum som nasal não parece estranha em checo e por isso foi mantida.

(p. 39)...*que o Mirto ganhou?*

(p. 30)...*co Mirto dostal?*

No segundo exemplo, a menina junta o pronome pessoal *me* e o infinitivo *dar* e insere um som para ligar as duas palavras. Na versão checa foi mantido o pronome *mi* e o verbo *dát* na forma finita. As duas

palavras foram ligadas pelo som /j/ que representa a palavra *jí* porque o verbo *dát* exige a presença do objecto directo na frase.

(p. 39) *Tia Jura vai mindar.*

(p. 30) *Teta Jura míjdá.*

O último dos erros dela é a troca da vogal /i/ por /e/. Nesse caso não foi mantida a confusão de vogais por causa da grande diferença dos sistemas vocálicos das duas línguas. Em checo há somente seis vogais principais e o uso delas é bastante claro, por isso é improvável que uma criança confunda-as. Noutro lado é possível que troque duas consoantes alveolares /n/ e /r/.

(p. 39) *Deferente eu não quero.*

(p. 30) *Jírou nechci.*

#### **5.2.4 Fraseologismos**

Nas construções fraseológicas não se podem traduzir os componentes individuais porque é a frase inteira que exprime o significado. A construção inteira tem de ser substituída por uma outra, comum na língua meta, que tenha um significado parecido e seja adequada naquela situação.<sup>19</sup> Como por exemplo no caso seguinte em que há um fraseologismo ligado à paciência que, porém, não é uma expressão idiomática e por este motivo não foi traduzida pelo idioma checo *Čeho je moc, toho je příliš*.

(p. 72) *Mas não há paciência que resista a abusos.*

(p. 40) *Ale každá trpělivost má své meze.*

As locuções verbais formadas por verbo e preposição diferem em todas as línguas e a equivalência delas é muito limitada. No exemplo seguinte a locução *poder com* não tem tradução checa e tem de ser parafraseada.

(p. 47) *...nem tapuio podia com ele.*

(p. 24) *...ani Tapujec si na něj nepřišel.*

---

<sup>19</sup> Kufnerová, Zlata, et alii. *Překládání a čeština*. Jinočany: H&H, 1994. P. 86.

As exclamações iniciadas por *que* são típicas em português mas incomuns em checo. Na nossa língua preferimos usar um pronome demonstrativo e o intensificador *ale*:

(p. 72) *Que graça! Até parecem irmãos!*

(p. 40) *Ti jsou ale roztomilí! Dokonce vypadají jako bratři!*

As perguntas checas podem ser introduzidas por uma partícula *copak* para enfatizar a interrogação e criar uma fluência na conversa.

(p. 36) *Marmelo é banana, besta?*

(p. 30) *Copak kdoule je banán, ty osle?*

Apesar das diferenças entre as línguas há caso da equivalência consideravelmente clara. Como no caso da frase *é verdade* que pode ser facilmente traduzida por *vlastně*.

(p. 71) *É verdade, que fim levou aquele cachorro...*

(p. 39) *A kam se vlastně poděl ten pes...*

### **5.2.5 Fenómenos extralinguísticos**

As diferenças do carácter cultural ou ambiental entre o Brasil e a República Checa são enormes e, por isso, não é surpreendente que numa língua há objectos e vocabulário inexistente na outra e precisa de ser parafraseado ou substituído por algum termo próximo.

Como já foi mencionado no capítulo 3 os cenários dos contos escolhidos são rurais e nas narrativas há certo número de palavras ligadas à agricultura e habitação do campo que não tem equivalente preciso em checo. Trata-se por exemplo do termo *jirau* o que é um objecto numa casa pobre parecido à mesa que serve de dia para vários serviços e de noite para dormir.<sup>20</sup> O âmbito checo não conhece objecto com as mesmas funções por isso a palavra foi traduzida com duas palavras: *police* quando se mencionam as panelas e *lůžko* quando se fala de dormir ou de chorar na cama.

(p. 46) *...estremecendo as panelas no jirau...*

(p. 23) *...trásli hrnci na polici...*

---

<sup>20</sup> Dicionário Eletrónico Houaiss, «jirau».

(p. 50)...*dormindo no jirau com a mãe dele...*

(p. 28)...*a spal by na lůžku s jeho matkou...*

(p. 51) *A mãe jogou-se de bruços no jirau...*

(p. 29) *Matka se vrhla na lůžko...*

Mais uma referência à habilitação é a palavra *oitão* que é um tipo específico de parede duma casa. Neste caso foi usada a implicação porque em checo falado não se faz diferença entre vários tipos das paredes e o uso dalgum termo técnico seria incompreensível para o leitor.

(p. 49)...*encostou esses no oitão...*

(p. 27)...*opřel je o stěnu chatrče...*

Falando do ambiente rural aparece o termo *roça* cujo sentido é ambivalente. Pode ser um terreno com plantação (em checo *pole*) ou a zona rural inteira não necessariamente designada à plantação de alimentos (em checo *venkov*). Para a tradução foi escolhida a palavra mais explícita *pole* porque na narração fala-se do pai da família limpando feijão e milho na roça, ou seja, no conto a palavra *roça* é directamente ligada à plantação.

(p. 50) *A mãe explicou que o marido estava na roça.*

(p. 27) *Matka mu vysvětlila, že manžel je na poli.*

Um dos traços do quotidiano brasileiro completamente desconhecido na Europa é a presença dos índios. Os brasileiros conhecem-nos porque vivem perto deles e ouvem as histórias sobre eles a vida inteira. Assim quando o menino no conto «Onde Andam os Didangos?» menciona os tapuios, os brasileiros sabem que se trata de índios. Porém em checo não é tão óbvio e, por isso, na primeira referência sobre os tapuios foi usada a palavra mais implícita *indián* que informa o leitor checo que se fala dalgum povo indígena. As outras referências foram conservadas para manter o tom exótico e para apresentar esta tribo ao leitor.

(p. 46) *Seria tapuio?*

(p. 24) *Nebude to indián?*

(p. 46) *O pai disse que naquela mata haviam tapuios antigamente...*

(p. 24) *Otec říkal, že v tom pralese žili kdysi Tapujové...*

(p. 46)...*capaz de ser mesmo um tapuio...*

(p. 24)...*možná je to vážně Tapujec...*

O povo brasileiro é mais religioso do que o checo e conhece um grande número de rezas e os nomes delas. Pelo-sinal é uma delas. A oração pede Deus para livrar a pessoa dos inimigos dela e pronunciando-a a pessoa faz uma cruz na testa, na boca e no coração.<sup>21</sup> Por isso no conto «Onde Andam os Didangos?» o narrador menciona que a mãe faz a reza disfarçadamente para o menino não ver. Nenhuma reza checa conhecida pelo povo majoritário não é acompanhada por esses movimentos. Por esse motivo a reza foi mudada para a versão implícita *pomdlila se*.

(p. 47)...*fez um pelo-sinal disfarçado...*

(p. 25)...*nenápadně se pomdlila...*

A flora e fauna tropicais ajudam a criar o tom exótico das narrativas. Apesar de que a maioria das plantas mencionadas nos contos tenha o seu nome checo, este nome é desconhecido ao leitor e produz um desentendimento indesejável. É o caso de *marmelada-de-cachorro* e *jatobá* cujas traduções são: *janeba jedlá* e *jatoba*. Estes dois termos aparecem numa frase só que se torna incompreensível. Para os fins de manter o exotismo foi usado um termo em checo e o outro foi substituído por uma expressão mais implícita: *různé bobule*.

(p. 48)...*comendo passarinho assado, marmelada-de-cachorro, semente de jatobá, o que achasse.*

(p. 26)...*jedl opečené ptáčky, janebu a různé bobule, co se dalo.*

Outro caso de implicitação necessária é a planta chamada *mamoneira*. Trata-se dum arbusto cujo nome checo é *skočec* que parece estranho e causa cacofonia na frase. Por isso foi substituído por *křoví* o que expressa o tipo da planta.

(p. 50)...*chegou a ir detrás de uma mamoneira...*

(p. 28)...*dokonce šel za křoví čekat, jak to dopadne...*

---

<sup>21</sup> A reza inteira é seguinte: Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos, Deus, nosso Senhor, dos nomos inimigos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

No conto «Diálogo da Relativa Grandeza» as crianças comparam a frutas por volta deles: *jaca* e *cajá*, cujas traduções para checo são *žakie* e *mombín*. Porém estes nomes são pouco conhecidos e o leitor não tem ideia de como são as frutas. No caso de *jaca*, que é comparada a uma melancia, o leitor checo consegue imaginar pelo menos o tamanho e, por isso, foi usado o termo checo. A fruta *cajá* não tem nenhuma comparação na narrativa e quem não a conhece não entende o argumento do menino. Por isso esta fruta tipicamente sul-americana foi substituída por *manga* que é da origem asiática mas é aproximadamente do mesmo tamanho e também parece exótica.

(p. 43) *Está vendo aquela jaca?*

(p. 33) *Vidíš tamtu žakii?*

(p. 43) *É do tamanho de cajá.*

(p. 33) *Je velká jako mango.*

Outra planta típica no Brasil é a cana de açúcar. Além do próprio açúcar a planta provém outros produtos, por exemplo a *rapadura* que é um cubo do sumo da cana seco. Na República Checa não conhecemos este tipo de produto, porém há um outro: *karamel*, que também é um alimento muito doce e poderia ter forma de cubo. Por isso a palavra desconhecida *rapadura* foi substituída por *karamel*.

(p. 49)...*e um pedaço de rapadura.*

(p. 26)...*a velký kus karamelu.*

### **5.2.6 Nomes próprios**

Na tradução dos nomes próprios é essencial o sistema gráfico das duas línguas.<sup>22</sup> Português e checo são duas línguas que usam o alfabeto latino, por isso não há necessidade de transliterações. Para manter o tom exótico dos contos foram mantidos os nomes na sua forma portuguesa. Os nomes Doril, Diana e Milton são facilmente lidos em checo e a pronúncia deles é conservada. No caso de Venâncio surge a questão do emprego do acento circunflexo, gramatical em

---

<sup>22</sup> Kufnerová, op. cit. p. 172.

português mas inexistente em checo. Não existindo nenhuma regra fixa para esses casos a transformação final depende somente do gosto do tradutor. Assim foi mantido o acento original para conservar a atmosfera exótica. O nome da tia Jura é um caso mais complexo. A ortografia original implica na nossa língua a leitura /jura/ e não /ura/. Todavia a modificação do nome para teta Žura para que a pronúncia se mantenha é, segundo o tradutor, estranha. Assim a alternativa mais aceitável é a preservação da ortografia original.

## **6. Conclusão**

Este trabalho apresentou a tradução comentada de quatro contos de José J. Veiga. Analisando as narrativas do ponto de vista literário, traduzindo-as e comentando a problemática do processo da tradução da língua portuguesa para a checa foram demonstradas as características únicas e especiais do estilo do autor.

A própria tradução dos contos foi um grande desafio. O problema não foram somente as palavras desconhecidas cuja tradução correcta exigiu o uso de vários dicionários mas, também, a transformação da atmosfera geral. A versão checa deveria manter todas as características do original, ou seja, os elementos típicos do estilo do autor como, por exemplo, a economia na expressão e o uso frequente de frases justapostas no lugar onde o checo usaria conjunções. Manter a funcionalidade desse estilo e, ao mesmo tempo, fazê-lo acessível ao leitor checo exigiu muita concentração da parte do tradutor.

Para a transferência do vocabulário específico brasileiro para o checo foram usados vários dicionários da língua portuguesa, todavia ocorreu situações em que a palavra portuguesa não foi encontrada e o seu significado foi deduzido do contexto situacional. Algumas palavras referentes à realidade brasileira que não têm equivalência em checo foram substituídas por palavras com significados parecidos, sempre com o objectivo de manter a sua função dentro da frase. Os fraseologismos foram trocados por frases idiomáticas checas com função parecida, embora em alguns casos com denotação diferente.

As transformações mais numerosas foram as transposições gramaticais e oracionais por causa do carácter mais analítico da língua portuguesa. Foram comentados os títulos dos contos, por exemplo, o carácter nominal deles e a questão da interrogação e equivalência no caso de «Onde Andam os Didangos?». Foi também mencionada a opacidade da palavra *didango* e a sua transformação

para checo e, por fim, foram discutidos os nomes próprios das personagens.

O objectivo deste conjunto de transformações foi aproximar os textos originais ao leitor checo, mostrar-lhe uma imagem da realidade brasileira e trazer-lhe assim uma atmosfera exótica.

## **7. Resumo**

Tématem této práce je komentovaný překlad povídek Josého J. Veigy. Vybrala jsem si čtyři povídky, které vystihují typické rysy tohoto brazilského autora. Práce je rozdělená do tří tematických částí. V té první představuji osobnost autora, jeho dílo a styl. Dále pak analyzuji literární kvality vybraných povídek za účelem přiblížení čtenáři a ucelení znaků díla pro překladatelské účely.

Druhá část práce je vlastní překlad povídek do českého jazyka a ve třetí části tento překlad komentuji. Tento komentář představuje překladatelské procesy, které bylo nutno použít při překládání textu z brazilské portugalštiny do češtiny a mimojazykové rozdíly, které bylo nutno převést do českého prostředí.

Moje práce je ucelená vizitka Josého J. Veigy, která přibližuje tohoto autora českému čtenáři.

The theme of this thesis is the commented translation of José J. Veiga's short stories. I chose four of his short stories that present typical features of the author's style. The thesis is divided into three thematic parts. In the first one I present the author, his works and his style and I analyze the four selected stories to give account of the features in order to make the translation easier.

The second part of this work is the translation of the stories from Brazilian Portuguese to Czech. The third one is a commentary of this translation. I analyze the processes of translation used and the transformation of the Brazilian reality to a comprehensible image for a Czech reader.

The thesis as a whole is an introduction of this considerably unknown author.

## **8. Bibliografia**

*Akademický slovník cizích slov.* Praha: Academia, 2000.

Cegalla, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.

Coutinho, Afrânio, ed. *A Literatura no Brasil. Volume 6. Parte III. Relações e Perspectivas, Conclusão.* São Paulo: Global, 2007.

Cunha, Celso e Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo.* Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2002.

*Dicionário Eletrônico Houaiss, Versão 1.0.* Editora Objetiva Ltda., 2001.

Dubský, Josef. *Capítulos de estilística funcional comparada.* Praha: SPN, 1988.

Goulart, Audemaro Taranto. *O Conto Fantástico de Murilo Rubião.* Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

Hamplová, Sylva e Jaroslava Jindrová. *Česko-portugalský slovník.* Voznice: Leda, 1997.

Jindrová, Jaroslava e Antonín Pasienska. *Portugalsko-český slovník.* Voznice: Leda, 2005.

Kufnerová, Zlata, et alii. *Překládání a čeština.* Jinočany: H&H, 1994.

*Novo Dicionário Aurélio, Versão 5.0.* Editora Positivo, 2004.

Picchiová, Luciana. *Dějiny brazilské literatury.* Praha: Torst, 2007.

*Pravidla českého pravopisu.* Praha: Academia, 1993.

Silverman, Malcolm. *Moderna Ficção Brasileira.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Veiga, José J. *A Estranha Máquina Extraviada.* 5ª ed. São Paulo: Difel, 1986.

## **9. Anexos**

### **9.1 Bibliografia completa do autor:**

Os Cavalinhos de Platiplanto (1959)

A Hora dos Ruminantes (1966)

A Estranha Máquina Extraviada (1967)

Sombras de Reis Barbudos (1972)

Os Pecados da Tribo (1976)

O Professor Burim e as Quatro Calamidades (1978)

De Jogos a Festas (1980)

Aquele Mundo de Vassabarro (1982)

Torvelinho Dia e Noite (1985)

A Casca do Serpente (1989)

Os Melhores Contos de José J. Veiga (1989)

O Risonho Cavalo do Príncipe (1993)

O Relógio Belisário (1995)

Tajá e Sua Gente (1997)

Objetos Turbulentos (1997)

## 9.2 Textos dos contos em original:

### DIÁLOGO DA RELATIVA GRANDEZA

---

SENTADO NO MONTE de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louvadeus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo — ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não visse o leve pulsar de fole do peçoço — e só olhando bem é que se via — era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louvadeus Doril não viu Diana chegar comendo um marmelo, fruta azeda enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

— Está direitinho um macaco em galho de pau.

Doril olhou só com os olhos e revidou:

— Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

— Marmelo é banana, besta?

— Não é mais serve.

Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroço.

— Sabe aquele livro de história que o Mirto ganhou?

— Que Mirto, seu. É Milllton. Mania!

— Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia Jura vai mindar.

- Não é vantagem. É me-dar. Mas não é vantagem.
- Não é vantagem? É muita vantagem.
- Você já não leu o de Milton?
- Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.
- Vantagem é ganhar outro. Diferente.
- Deferente eu não quero. Pode não ser bom.
- Como foi que você disse? Diz de novo?
- Já disse uma vez, chega.
- Você disse deferente.
- Foi não.
- Foi. Eu ouvi.
- Foi não.
- Foi não.
- Foi não.

Continuariam até um se cansar e tapar os ouvidos para ficar com a última palavra, se Diana não tivesse tido a habitude de se retirar logo que percebem a dizima. Com o pedacinho final do marmelo entre os dedos ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

- Gil Matando louvadeus! Olhe o castigo!
- Eu estou matando, estou?
- Está judiando. Ele morre.
- Eu estou judiando?
- Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, ó menina renitente. Ele preferiu continuar olhando o louvadeus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania. O louvadeus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e podem até levantar uma pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olhar para nós como Doril estava olhando para o louvadeus? Será

que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando — do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

Doril pensou, comparando as coisas em volta. Seria engraçado se as pessoas fossem criaturinhas miúdas, vivendo num mundo miudinho, alumado por um sol do tamanho de uma rodelinha de confete...

Diana lambendo os dedos e enxugando no vestido. Qual seria o tamanho certo dela? Um palmo de cabeça, um palmo de peito, palmo e meio de barriga, palmo e meio até o joelho, palmo e meio até o pé... uns seis palmos e meio. Palmo de quem? Gafanhoto pode ter seis palmos e meio também — mas do gafanhoto. Formiga pode ter seis palmos e meio — de formiga. E os bichinhos que existem mas a gente não vê, de tão pequenos? Se tem bichos que a gente não vê, não pode ter bichos que esses que a gente não vê não vêem? Onde é que o tamanho dos bichos começa, e onde acaba? Qual é o maior, e qual o menor? Bomto se nós também somos invisíveis para outros bichos muito grandes, tão grandes que os nossos olhos não abarcam? E se a Terra é um bicho grandegrandegrande e nós somos pulgas dele? Mas não pode! Como é que vamos ser invisíveis, se qualquer pessoa tem mais de um metro de tamanho?

Doril olhou o muro, os cafezeiros, as bananeiras, tudo bem maior do que ele, uma bananeira deve ter mais de dois metros...

Aí ele notou que o louvadeus não estava mais na mão. Procurou por perto e achou-o pousado num pau de lenha, numa ponta coberta de musgo. Doril levantou o pau de lenha, olhou-o de perto e achou que a camada de musgo lembrava um matinho fechado, com certeza cheio de

— Quando é que você vai deixar esse bichinho sossegado? Tamanho homem!

Doril largou o pau de vergarinho no monte, limpou as mãos na roupa.

— Você não sabe qual é o meu tamanho.  
Ela olhou-o desconfiada, com medo de dizer uma coisa e cair em alguma armadilha. Doril estava sempre arranjando novidades para atrapalhá-la.

— Você nem sabe qual é o seu tamanho — insistiu etc.  
 — Então não sei? Já medi e marquei com um carvão atrás da porta da sala. Pode olhar lá, se quiser.  
 Ele sorriu da esperada ingenuidade.  
 — Isso não quer dizer nada. Você não sabe o tamanho da marca.  
 — Sei. Mannãe mediu com a fita de costura. Diz que tem um metro e vinte e tantos.  
 — Em metro de anão. Ou metro invisível.  
 Ela olhou-o assustada, desconfiada; e não achando o que responder, desconversou:  
 — Ih, Doril! Você está bobo hoje!  
 — Boba é você, que não sabe de nada.  
 Ela esperou, ele explicou:  
 — Você não sabe que nós somos invisíveis, de tão pequenos?  
 — Sei disso não. Invisível é micuim, que a gente sente mas não vê.  
 — Pois é. Nós somos como micuims.  
 Diana olhou depressa para ela mesma, depois para Doril.  
 — Como é que eu vejo eu, vejo você, vejo minha mãe?  
 — E você pensa que micuim não vê micuim?  
 Diana franziu a testa, pensando. Doril tinha cada idéia. Como daquela vez que andou querendo mandar recado por pensamento, punha Diana sentada num baú no portão e ele ficava na rede da varanda, pensando o recado, depois gritava da janela perguntando se ela tinha pegado; ela tinha vontade de pegar mas não pegava, e não podia mentir porque não sabia mesmo em que era que ele tinha pensado. Doril disse que ela estava negando só para desmentir-lo. Agora essa invenção de que a gente é bicho pequeno invisível.  
 — Não pode, Doril. A gente é grande. Olhe aí, você é quase da altura desse monte de lenha.  
 — Está vendo como você não sabe nada? Isso não é monte de lenha. É um monte de pauzinhos menores do que pau de fósforo.  
 — Ora sebo, Doril. Pau de fósforo é deste tamanho — ela mostrou dois dedinhos separados, dando o tamanho que ela imaginava.

— Isso que você está mostrando não é tamanho de pau de fósforo. Pau de fósforo é quase do seu tamanho.  
 Diana ficou pensativa, triste por ter diminuído de tamanho de repente. Doril aproveitou para ensinar mais.  
 — Como você é tapada, Diana. Tudo no mundo é muito pequeno. O mundo é muito pequeno. — Olhou em volta procurando uma ilustração. — Está vendo aquela jaca? Sabe o tamanho dela?  
 — Sei sim. Regula com uma melancia.  
 — Pronto. Não sabe. É do tamanho de caixa.  
 Diana olhou a jaca já madura, em ponto de cair, qual-quer dia caía.  
 — Ah, não pode, Doril. Comparar jaca com caixa?  
 — Mas é porque você não sabe que caixa não é caixa.  
 — O que é então?  
 — É bago de arroz.  
 Diana olhou em volta afilta, procurando uma prova de que Doril estava errado.  
 — E coqueiro o que é?  
 — Coqueiro é pé de salsa.  
 — E eu?  
 — Você é formiga de dois pés.  
 — Se eu sou formiga como é que eu pulo rego d'água?  
 — Que rego d'água?  
 — Esse nosso aí.  
 Doril sacudiu a cabeça, sorrindo.  
 — Aquilo não é rego d'água. É um risquinho no chão, da grossura de um fio de linha.  
 — E... E aquele morro lá longe?  
 — Não é morro. Você pensa que é morro porque você é formiga. Aquilo é um montinho de terra que cabe num carrinho de mão.  
 Diana olhou-se de alto a baixo, achou-se grande para ser formiga.  
 — Onde você aprendeu isso?  
 Ela precisava da garantia de uma autoridade para aceitar a nova idéia.  
 — Em parte nenhuma. Eu descobri.

Diana deu um riso de zombaria, como quem começa a entender. Tudo aquilo era invenção dele, coisa sem pés nem cabeça, como a história de recado por pensamento.

A mãe chamou da janela. Doril desceu do monte de lenha, um pau resvalou e feriu-o no tornozelo. Ele ia xingar mas lembrou que pau de fósforo não machuca. A mãe chamou de novo, ele saiu correndo e gritou para trás:

— Quem chegar por último é filho de lesma.

Diana correu também, mais para não ficar sozinha do que para competir. Pularam uma bacia velha, simples tampa de cerveja emborcada no chão. Pularam o fio de linha que Diana tinha pensado que era um rego d'água. Doril tropeçou num balde furado (isto é, um dedal com alça), subiu de um fôlego os dentes do pente que servia de escada para a varanda e entrou no caixotinho de giz onde eles moravam. A mãe, uma formiguinha severa de pano amarrado na cabeça estava esperando na porta com uma colher e um vidro de xarope nas mãos, a colher uma simples casquinha de arroz. Doril abriu a boca, fechou os olhos e engoliu, o borrifão de xarope desceu queimando a garganta de formiga.

## ONDE ANDAM OS DIDANGOS?

A NOITE ERA FEIA perigosa no rancho, muitos bichos lá fora, alguns conhecidos, outros inventados, deduzidos dos barulhos que vinham da mata; mas encostado no corpo sadio da mãe ele não tinha medo de nada, os bichos ficavam mansos, distantes, incapazes de fazer mal.

Mas não deixavam de existir. Como aquele que ele inventou quando a candeia estava apagada, os pais dormindo roncando e ele de olhos fechados pensava na claridade do sol, porque na claridade não há bicho perigoso. Mas o medo puxa, e ele acabava compondo o autor dos ruídos de origem desconhecida que vinham do mato. Era um bicho sem pés nem cabeça, só um corpo comprido em forma de canudo, um canudo grosso e mole, às vezes liso, às vezes cabeleto (essa parte ainda não estava esclarecida), largo nas pontas, fino no meio. As pontas eram os pés e também as bocas, o bicho andava firmando uma ponta no chão, levantando a outra, esticando o corpo e jogando a ponta levantada para diante, no caminho apanhando as frutas e folhas que interessassem, depois buscava para a frente a ponta que tinha ficado para trás, isso depressa, sem parar nem perder tempo. Ele custou achar nome para esse bicho, acabou chamando de didango.

Sendo o bicho mais esquisito de toda a mata, e vai ver que de todo o mundo, o didango tinha que ser também o bicho mais perigoso. Ele nunca viu um didango de verdade, mas sabia que eles rondavam o rancho de noite; e de manhã quando ia com a mãe apanhar água na grota, ou com o pai tirar varas na beirada do mato para algum serviço no rancho, via rastros deles por toda parte, meio apagados porque a chapa dos pés deles é branca. Mas em sonho eles apareciam bem visíveis, às vezes perto, às vezes longe, jogando o canúdo

do corpo por cima do rancho, estranheando as panelas no firaú, ou subindo morros, saltando grotas, melindo o mundo a compasso.

Engraçados eram os filhotes, umas miçgalhas que faziam tudo o que os grandes faziam mas às vezes ficavam reídos na beira de uma grota, correndo para lá e para cá, guinchando como leitezinhos, com medo de pular, até que um dos grandes voltava e do outro lado mesmo os suspendia com um pé, como quem carrega cobra enganchada num pau. Uma vez ele viu um didango matar uma onça jogando um pé por cima do lombo dela, mergulhando por baixo, saindo por cima novamente, dando nó, e puxando dos dois lados. A cintura da onça foi afinando, afinando, a língua derramou para fora da boca, as tripas estufaram pelo buraco que todo animal tem debaixo do rabo, e quando o didango afeou o nó ela caiu molenga no chão. Imagine se eles fizessem isso com uma pessoa. Árvores eles derrubavam com a maior facilidade, enlaçavam a árvore com o canudo do corpo, puxavam e arrancavam com raiz e tudo.

Com esses e outros bichos, e mais outras coisas que aconteciam, a vida no rancho era cheia de sustos. Um dos grandes foi quando o Venancio apareceu. O pai estava na roça limpando o feijão e o milho, a mãe tinha ido na grota lavar roupa, o menino ficou sozinho brincando com um besouro, queria fazer o besouro arrastar uma caixa de fósforos cheia de pedrinhas, estava entredito nisso quando a porta do rancho escureceu. Ele levantou os olhos e não viu ninguém mas teve a impressão de que um vulto tinha acabado de passar. Didango não era porque eles são muito altos e fazem um barulho fofo quando chapam o pé no chão. Seria tapuíto? O pai disse que naquela mata viveram tapuís antigamente, estariam voltando? Ele esperou com o coração batendo alto, sem coragem de se levantar do chão para olhar, capaz de ser mesmo um tapuíto, ou pior. Gritar era perigoso, eles podiam vir correndo boleando as bordunas; e se a mãe ouvisse o grito e viesse correndo, na certa morria também. O jeito era ficar quieto, mesmo tremendo e suando, e pensar numa reza que puxasse o pai para o rancho, às vezes ele vinha fora de hora buscar um peduço de fumo, tomar um gole de café;

e sendo homem valente corajoso, e andando sempre com a espingarda, nem tapuíto podia com ele.

Sem querer ele levantou os olhos para o lugar onde a parede tinha um buraco, viu dois olhos olhando para dentro do rancho. Não vendo nenhuma saída ele começou a chorar baixinho, tomou gosto e acabou chorando alto. O choro espantou os dois olhos mas ele continuou chorando, sabia que os índios não tinham ido embora, deviam estar combinando o ataque.

Quando a porta escureceu de novo ele não levantou os olhos para não ver a cara do índio — mas quem entrou foi a mãe com a gamela de roupa enxugada e torcida.

— Que vergonha! Tãmanho homem chorando. Será que não pode ficar sozinho um instante? Ou está sentindo alguma coisa?

Ele ficou tão contente de vê-la que chorou mais alto ainda.

— Mas o que é isso, menino! Algum bicho te mordeu?

— Os índios, mãe! Um índio!

— Que índio? Está sonhando com índio.

— Tem um aí fora. Eu vi.

— Eu quero ver esse índio.

— Vai não, mãe! É perigoso!

Ela descançou a gamela no chão e saiu enxugando as mãos na saia. Ele ouviu os passos dela em volta do rancho, teve vontade de ir atrás para fazer companhia, as pernas não ajudaram. Quando os passos pararam ele sentiu um frio na espinha, esperou os gritos dela, o barulho das pancadas. Felizmente os passos reconheceram, e logo ela apareceu na porta do rancho. Estava cansada, devia ser do trabalho com a roupa, de subir a ladeira com a gamela.

— Eu não disse? Vi índio nenhum.

Mas em vez de ir estender a roupa ela andou pelo rancho como procurando alguma coisa, fez um pelo-sinal disfarçado, atçou o fogo, de vez em quando olhando para fora desconfiada.

— Sabe o quê? Vamos chamar seu pai para tomar um café.

Pegou a buzinna que ficava pendurada atrás da porta, apontou-a para fora e tocou.

Quando o pai chegou, assustado e irritado, a mãe foi dizendo antes que ele perguntasse o motivo do chamado:

— Ele está dizendo que viu um índio. Diz a ele que é cima.

— E inzona. Falta do que fazer. Aqui não tem mais índio. Foi para isso que me chamou?

— Foi o que eu disse. Até olhei em volta pra tirar a cisma. Vem ver comigo.

Ela puxou o marido para fora e mostrou os rastos que tinha visto na primeira inspeção. O marido mandou-a voltar e foi seguindo os rastos. Ela abraçou o menino, chamou-o de bobinho medroso e ficou rezando mentalmente, até que ouviram o grito do pai:

— Venham ver o índio!

A mãe correu para a porta, o menino atrás agarrado nela. Ao lado do pai estava um rapazinho de seus catorze, quinze anos, magro e esmolambado, com cara de medo e doenga; tinha um pé machucado que não pisava completo no chão. Com muito custo disse que se chamava Venâncio, vinha de longe, passara mais de um mês no mato curtindo fome e frio, comendo passarinho assado, marmelada-de-cachoira, semente de jatobá, o que achasse. Falava baixo e tremia muito.

— Você fica aqui com a gente — disse o pai. — Preciso mesmo de um ajudante. Mas primeiro você vai descansar, matar a fome, tratar desse pé.

Foi a primeira vez que o menino viu uma pessoa com fome ter medo de comer. Quando a mãe deu o prato, umas coisas arranjadas às pressas (não era hora de comida), ele entortou o corpo para um lado, não querendo.

— Come, bobo. Tem veneno não — disse a mãe, e pôs o prato no colo dele.

Ele olhou para ela desconfiado, parece que não acreditando, pegou o prato com as duas mãos e chorou só com os olhos. A mãe fez sinal ao menino para sair de perto, mas de vez em quando olhavam. Venâncio enxugou os olhos com uma manga, com a outra, começou comendo com a colher, depois largou e comeu com as mãos, comeu tudo sem tomar

fôlego. Limpou o prato completamente e ainda mandou umas três bananas e um pedaço de rapadura. Depois bebeu um coité de água, arrotou e dormiu sentado.

Venâncio passou uns dias tratando do pé com banho de erva-moura e gordura de capivara, de noite dormia numa esteira num canto do rancho, falava muito no sono e acordava assustado. Toda vez que ouvia barulho perto do rancho corria para se esconder nas bananeiras do quintal.

Quando a inchação do pé já estava murchando e secando, o pai passou o primeiro trabalho: tirar varas e embira para fazer um puxado no rancho. Venâncio saiu alegre com o facho, logo voltou com um feixe de varas na cabeça e dois arrastados por um cipó; encostou esses no oitão do rancho e voltou para buscar mais. Depois do almoço o pai explicou como é que se faz uma parede de varas, e quando voltou de tarde duas paredes estavam prontas, faltava a da porta, que é mais complicada. De noite mesmo o pai ensinou o segredo e no dia seguinte o puxado ficou pronto, com o chão socado, a cobertura assentada.

— Você é caprichoso — o pai disse satisfeito. — Agora vamos ver na enxada.

Além de ajudar na roça Venâncio estava sempre inventando novidades para fazer, principalmente brinquedos para o menino. Fez uma tropa de cavalinhos de pau lavrados a carivete, com fiapos de pena de galinha para imitar rabo e crin, escolhendo madeiras diferentes para não saírem todos de uma cor só; fez uma gangorra para ele e o menino brincaram aos domingos, com uma pedra grande encastada numa ponta para compensar a diferença de peso; fez máscaras de cabaca com pavio dentro para pendurar nas árvores e acender de noite, muito boas para espantar bichos; fazia corda de embira, fortes e muito bem trançadas.

Venâncio não tinha preguiça de fazer nenhum serviço, até cozinhar e lavar roupa ele cozinhava e lavava quando a mãe estava muito ocupada em outro serviço, ou amanhaciava perrengue. O pai disse que Venâncio tinha caído do céu.

Quem não caiu do céu foi aquele homem feioso mal-encarado que chegou no rancho perguntando pelo dono. A mãe e o menino se assustaram, vista de fora ali não ia, só um encador de ano em ano, esses chegavam pedindo muita

licença, aceitavam um café ou um almoço, descausavam e iam embora deixando dinheiro para comprar alguma coisa para o menino, diziam. Mas aquele homem chegou com rompanle, como se fosse dono da mata e dos bichos. A mãe explicou que o marido estava na roça.

— Em esporto. Manda chamar não — disse o homem tirando a carabina do ombro, pegando um tamborete e sentando sem pedir licença.

Olhava tudo e não dizia nada, fiscalizando e guardando. O menino gritou-se à mãe e não quis mais saber de nenhum brinquedo. Depois de muito hesitar a mãe distanciou, pegou a buzina — mas o homem estava atento: deu um pulo do tamborete, tirou a buzina da mão dela.

— Toca não, dona. Não tenho pressa. Deixe ele vir sem aviso.

O menino teve vontade de ter uma face pontuda para enfiar na barriga do homem; a da cozinha não servia, era pequena e sem ponta; pensou também em sair escondido para chamar o pai, mas desistiu porque achou arriscado deixar a mãe sozinha com aquele homem antipático.

O tempo não passava, e a nervosidade da mãe andando pelo rancho querendo fazer muita coisa e não fazendo nada aumentava o medo do menino. Ele pediu a Deus que mandasse uma cobra venenosa morder o homem, chegou a ir para detrás de uma manomoinha esperar o resultado, não apareceu cobra nenhuma. Por que é que existe gente ruim no mundo? Por que não pode todo mundo ser como Venâncio?

Ele pensava que a chegada do pai ia pôr tudo nos eixos, mas quando viu o pai chegando com Venâncio, cada um trazendo inocentemente uma bandeira de feijão na cabeça, sentiu um aperto no coração. Carabina dá tiro mais forte do que espingarda, o pai podia morrer na briga e o homem mal-encarado ficar morando no rancho, mandando nele e em Venâncio e dormindo no jirau com a mãe dele.

O pai chegou e jogou a bandeira de feijão no terreiro com um extorçar de cabeça, o menino correu e abraçou-se nas pernas dele.

— Pai, um homem! Ai no olhão! Com uma carabina!

Venâncio também já tinha jogado o feijão no chão, olhou assustado, quis correr, o homem já estava perto com a carabina na mão.

— E você mesmo que eu quero, maroto. Corre não que eu atiro.

O homem mandou o pai largar a espingarda no chão e puxou-a com o pé para perto dele.

— Agora amare as mãos dele para trás com esta corda. Troux uma corda da patrona, jogou para o pai e ficou fiscalizando a amarragem, sempre com a carabina preparada. Quando o pai acabou de amarrar as mãos de Venâncio o homem tirou um lacinho de lacer bezerro que levava pendurado na cintura, escondido debaixo do paletó, e mandou o pai passar a parte da argola por baixo dos braços de Venâncio, ficando a argola nas costas.

— Agora passe a iapa pela argola com duas voltas.

O pai obedeceu, não tinha outro jeito. O homem mudou a carabina para a mão esquerda, com a direita segurou o laço e deu um sifanão para experimentar. Venâncio quase caiu para trás, não estava esperando aquela brutalidade.

— Vamos embora. Seu tio está esperando — disse o homem, e cutucou Venâncio com o cano da carabina.

Venâncio olhou para trás como que se despedindo das pessoas, do rancho, da gangorra, de tudo. O homem deu outro cutucão, Venâncio baixou a cabeça e foi andando, o homem atrás levando também a espingarda. Quando já iam entrando no mato o homem gritou:

— Vou levar sua espingardinha fubeca não. Vou deixá-la pendurada num pau. Depois você vem buscar.

O pai, a mãe, o menino ficaram olhando até que os dois se sumiram no mato, mas desde antes já não viam direito por causa das lágrimas. Quando iam entrando no rancho o pai tropeçou num pote de sebo que estavam juntando para fazer sabão, voltou e mandou o pote longe com um pontapé, espalhando sebo pelo terreiro. A mãe jogou-se de braços no jirau, chorando como quem acaba de perder um filho. O pai passou o resto do dia e a noite sentado na porta do rancho enrolando e acendendo cigarro um atrás do outro. O menino também só pensava em Venâncio, não sabia como ia ser a vida sem ele.

Venâncio levado no laço, e os gritos cantando no mato, e a água correndo na grota, e os vagalhões trancando na noite, tudo como antes, e tão diferente... E os diângos, onde estavam que não tinham vindo?

## O GALO IMPERTINENTE

Toto MUNHO sabia que se andava construindo uma estrada naquela região, pessoas que se aventuravam por lá viam trabalhadores empurrando carrinhos, manobrando máquinas ou sentados à sombra, cochilando com o chapéu no joelho ou comendo de umas latas que a empresa fornecia, diziam que eram rapões feitas em laboratórios, calculadas para dar o máximo de rendimento com o mínimo de empenho. Quem viajava de automóvel conseguia interromper a atividade dos engenheiros, eles vinham solícitos com o cartão, parecia na mão dar explicações, mostrar o projeto no papel, esclarecer o significado de certos sinais que só eles entendiam. Mas a obra estava demorando tanto que nos habituamos a não esperar o fim dela; se um dia a boca da estrada amanhecesse com uma tabuleta novinha convidando o povo a passar, acho que ninguém acreditaria, imaginando tratar-se de brincadeira.

Com o passar do tempo os engenheiros foram ficando nervosos e mal-humorados, dizia-se que eles desmanchavam e retilizavam trechos enormes da estrada por não considerá-los à altura de sua reputação. Eles não estavam ali construindo uma simples estrada; estavam mostrando a que ponto havia chegado a técnica rodoviária. Houve protestos, denúncias, pedidos de informação, mas como as autoridades não sabiam mais de que estrada se tratava, nenhuma resposta era dada; e mesmo que respondessem seria em linguagem tão técnica que ninguém entenderia, nem os mais alfomados professores, todos por essa altura já desatualizados com a linguagem nova.

Quem tinha de atravessar a região ia abrindo picadas pelo mato, passando rios com água pelo peito, subindo e

descendo morros cobertos de malícia e unha-de-gato. Quando se perguntava a um engenheiro mais acessível quando era que a estrada ia ficar pronta, ele fechava a cara e dizia secamente que a estrada ficaria pronta quando ficasse.

Um dia — as preocupações eram outras, ninguém pensava mais no assunto — anunciaram que a estrada afinal estava pronta e ia ser inaugurada. Depois de uma inspeção preliminar feita altas horas da noite à luz de archotes (com certeza para evitar entusiasmos prematuros) marcou-se o dia da inauguração com a passagem de uma caravana oficial.

O povo não pôde ver a estrada de perto nesse dia, tivemos que ficar nas colinas das imediações, havia guardas por toda parte com ordem de não deixar ninguém pisar nem apalpar. Muita gente levou binóculos e telescópios, os telescópios eram difíceis de arrumar devido à irregularidade do terreno, mas os donos acabaram dando um jeito e conseguiram focalizar a estrada. Quem não tinha aparelhos óticos arranjou-se da melhor maneira, fazendo óculos com as mãos ou simplesmente levando a mão à testa para ver um pouco a claridade do sol que o asfalto refletia com violência.

Mesmo de longe via-se que a estrada era uma obra magnífica. Havia espaço arborizado entre as pistas, as árvores ainda pequenas mas prometendo crescer com vigor; trilhas para ciclistas, caminhos para pedestres. As pontes eram um espetáculo, e tantas que se podia pensar que tinham sido feitas mais para mostrar competência do que para resolver problemas de comunicação; em todo caso lá estavam bonitas e sólidas, pelo menos de longe.

Diante da importância da estrada, com suas pontes, túneis e trevos, o povo esqueceu a longa espera, herança de pais e filhos, esqueceram os parentes e amigos que haviam morrido sem ver aquele dia, esqueceram as voltas que teve de dar, e agora só cuidava de elogiar o trabalho dos engenheiros, o escrupulo de não entregarem uma obra feita a três pancadas. Alguém sugeriu a colocação de uma placa na estrada, com os nomes de todos os que haviam trabalhado nela, mas quando se descobriu que não havia oficina capaz de fazer uma placa do tamanho necessário, não se falou na massa de pesquisa que seria preciso para um levantamento completo, as buscas em documentos antigos, a idéia foi abandonada por inviável.

É triste dizer, mas a euforia durou pouco. Logo depois da inauguração certas coisas começaram a acontecer, parece mesmo que já no dia seguinte. Pessoas que iam experimentar a excelência da estrada voltavam assustadas jurando nunca mais passar lá — quando não caíam num mutismo de fazer dó, como se tivessem sofrido um abalo muito grande por dentro. E não podia ser invenção, todos os informes coincidiam.

Os viajantes contavam que iam indo muito bem pela estrada, embalados pela lisura do asfalto, quando de repente, saltado não se sabe de onde, um galo enorme aparecia diante do carro. Não adiantava tocar buzina, ele não se desviava; nem adiantava aumentar a velocidade, ele não se deixava apertar. Era como se ele fosse puxando o carro para um embasamento de ponte, uma árvore, um marco quilométrico. Quando o motorista conseguia manobrar e escapar do desastre, o galo aplicava outro expediente: saltava para cima do carro e martelava a capota com o bico, e com tanta força que perfurava o aço, deixando o carro como se um malfetor o tivesse atacado a golpes de picareta.

Nunca se chegou a acordo quanto ao tamanho do galo, as descrições feitas pelos viajantes emocionados iam de pinto a jumento. Talvez cada um tivesse sua razão: quem poderia afirmar que ele não escolhesse um tamanho para cada ocasião? As muitas expedições formadas para apará-lo acabaram em completo fracasso. Chegaram a levar redes de pesca manejadas por pescadores exímios, mas sempre o galo escapava pelos vãos da malha. Depois dos pescadores foi a vez dos caçadores, equipados com armas do último tipo: chegaram, tomavam posição, apontavam — erravam; quando acertavam, em vez de verem o espalhar de penas ouviam um guincho de rícochete, mais nada.

Como último recurso apelou-se para o ministério da guerra. Primeiro mandaram um canhão pesado, que só serviu para abrir rombos no leito da estrada. Depois recolheram o canhão e mandaram um tanque com ordem de destruir o galo de qualquer maneira.

Quando o galo apareceu, o tanque perseguiu-o por uma certa distância, como querendo dar-lhe uma oportunidade de fugir inteiro e não voltar. Parece que o galo não entendeu, e continuou fagueiro pensando que estava arrastando o tan-

que para algum abismo. Os soldados perderam a paciência e abriram fogo, vários disparos a curta distância. O galo não foi atingido, mas o tanque começou a soltar fumaça pelas juntas, rolos cada vez mais escuros, de repente deu um estouro abafado, como de faca caindo, e pegou fogo de uma vez. Quando as labaredas cessaram, no chão só ficou um monte de metal fundido.

Ninguém quis mais usar a estrada, ela foi ficando esquecida e hoje é como se nunca tivesse existido. Se um dia uma raça de homens novos derrubar a mata que lá existir, certamente notará aquela trilha larga coberta de capim e plantas rasteiras; e investigando mais para baixo descobrirá a capa de asfalto, os túneis, as pontes, os trevos e tudo o mais, e não deixará de admirar a perfeição com que se construíam estradas neste nosso tempo. Naturalmente tomarão fotografias, escreverão relatórios, armário teorias para explicar o abandono de uma estrada tão bem acabada. O monte de metal fundido será um enigma, mas algum sábio o explicará como pedaço de planeta caído do alto espaço; talvez o levem para um museu e incrustem uma placa nele para informação dos visitantes.

Quanto ao galo impertinente, se ainda existir seria interessante saber que explicações os descobridores encontraram para ele e que fim lhe destinaram — mas isso, reconheço, é uma indagação que está muito além do alcance atual da nossa imaginação.

## O CACHORRO CANNIBAL

PERCEBIA-SE QUE ERA um cachorro por causa do rabo metido rente entre as pernas, quase colido na barriga, e também um pouco por causa dos olhos, de uma tristeza tão funda que só podiam ser olhos de cachorro escorregado. As patas não se firmavam no chão como as de qualquer cachorro razoavelmente seguro de si, pisavam a modo, apalmando, experimentando. (Depois se soube que ele tinha perdido os cascos pelos canibios, ficando as plantas em carne viva.) De onde estaria vindo, ninguém se interessou em saber; ele apenas parou ali, lamentável e infeliz, muito cansado para continuar andando. Apareceu de manhã, e quem o viu deitado numa nesga de grama debaixo do jasmimheiro pensou em um cão errante, igual a tantos que cruzam o mundo em todas as direções, parado e farejando mas sempre em marcha, como se incumbidos de alguma missão urgente, cujo endereço e propósito só eles sabem; nem valia a pena providenciar comida, provavelmente ele não estaria mais lá quando a comida chegasse.

Mas aquele parecia não ter pressa ou intenção de seguir, e lá ficou deitado de lado, não propriamente descansando porque as moscas não deixavam, mas fazendo o possível por conseguir algum sossego.

Via-se que estava faminto, mas o cansaço impressionava mais, talvez devido a seu litígio incessante com as moscas. As vezes ele parecia pensar que pudesse acomodar a cabeça entre as patas e deixar ao resto do corpo o trabalho de re-pelir os inimigos. O rabo não parava de acoplar o ar, e todo o pêlo tremia repuxado pelas contrações dos músculos; mas essa estratégia era logo descoberta e as moscas concentravam o ataque na cabeça e nas orelhas. Eram tantas e tão insis-

tentes que ele não podia ignorá-las por muito tempo: bocava o ar indignado e as vezes até se levantava de um pulo para poder perseguí-las melhor — mas a dor causada pelos talos de grama nas plantas desprotegidas advertia-o de que ele não estava em condições de ser muito enérgico.

Uma criança da casa viu-o ainda no mesmo lugar lá pelo meio da tarde e levou-lhe uns restos de comida. Ele estudou o menino com olhos desconfiados e concluiu que não havia perigo daquele lado. Comeu, lambou o prato, balançou o rabo para mostrar que apreciara a gentileza. Deve ter passado a noite no mesmo lugar, mas ninguém ouviu latidos nem uivos. De manhãzinha chamaram-no para dentro e o menino deu-lhe um banho na torneira do pátio. Ele não resistiu nem criou dificuldades, era o primeiro a reconhecer a necessidade de limpeza, sabia que um cachorro limpo leva vantagens por onde anda.

Com o banho ele começou a levantar o rabo, primeiro por ter recuperado um pouco da dignidade, segundo por sustentar que dentro de pouco tempo haveria mais comida. Quando um cachorro errante é levado para dentro de uma casa e recebe o luxo de um banho, a seqüência lógica é um prato de comida.

Mas aí começa também a fase difícil das relações entre cão e gente. Como esperava, ele recebeu o seu almoço; e não tendo sido enxotado, interpretou a situação como significando que seria tolerado. Mas pode um cão contentar-se com a simples tolerância? Quando se sente apenas tolerado, um cão de respeito tem dois canibios a seguir: ou exige atenção, ou vai embora para outro lugar onde possa se impor. A retirada é sempre humilhante, ele sabe que no momento em que vira as costas começou o esquecimento — isso se não acontece o pior: nem percebem que ele se foi; muito tempo depois é que alguém indaga distraidamente, "é verdade, que fim levou aquele cachorro que andava por aí?" Farejando o ambiente ele percebeu que podia escolher o primeiro canibio com grande probabilidade de êxito.

Para começar, era preciso não exagerar na gratidão. Se um cachorro mostra muita gratidão as pessoas podem pensar que ele não está habituado com bom trato e acabam relaxando nas atenções; nesse caso não há mais esperança para ele naquela casa. A melhor maneira de impor-lhes respeito é

faz-las pensar. Quando alguém pensa, "o que é que esse miserável julga que é? O Rei do Mundo?", o cachorro pode ficar descançado que o seu lugar está garantido. Em vez de se atirar aos pés da primeira pessoa que lhe estala os dedos, o cachorro apuzado deve mostrar uma certa frieza. Só depois que a pessoa insistir é que ele deve atender, assim mesmo sem pressa. Se não houver insistência o cachorro nada terá a perder; pelo contrário, convém sempre desconfiar das que não insistem.

Aplicando todas as suas habilidades na fase difícil dos primeiros contatos ele conseguiu fazer-se notado e respeitado. Em pouco tempo já estava dormindo onde bem quisesse, sem receio de que o pisassem ou enroscassem. Esta é a grande prova do prestígio canino: não ser tocado do lugar que escolheu para deitar-se.

E gostaram tanto dele na casa que estragaram tudo com a solicitude de amarrar-lhe a vida. Vendo-o brincar sozinho no jardim alguém lembrou-se de arranjá-lhe um companheiro menor. Pensaram que assim ele ficaria mais feliz, e de fato ficou — por algum tempo. Passava horas rolando com o menorzinho na grama, existindo-o a viver e a ser respeitado, e quem os via embolados no chão pensava: Que graça! Até parecem irmãos! E como aprendia depressa aquele ladrãozinho malhadol! Em pouco tempo já estava passando de colo, alias uma legião que o maior não ensinou. Aproveitando-se da inocência do cãozinho ele atendendo os chamados tratam-no completamente, numa inversão ridícula de papéis. Dava engulhos ver a sofreguidão dele atendendo os chamados mais aburdos, a humilhação na aceitação de censuras e castigos. Aquelle estado de coisas não podia acabar bem. Mais dia menos dia...

A situação agravou-se quando começaram a tomar liberdades com o cão maior, de certo inspiradas pela intimidade excessiva que mantinham com o outro. Já não o deixavam dormir onde quisesse, e não escondiam o desgosto de vê-lo dentro de casa. Ele ia suportando tudo com paciência, esperando que a loucura passasse.

Mas não há paciência que resista a abusos.

Ele estava dormindo de patas para cima no canto de uma varanda ladrilhada, nem era no meio ou na passagem, mas no canto, ninguém podia dizer que estivesse obstruindo,

Mesmo assim alguém achou de encher a boca de água e vir de mansinho esguichá-la nele. Ora, isso assusta e aborrece. Num rápido movimento rolando ele ergueu-se e ficou parado sem compreender; mas a água escorrendo pelas pernas e a pessoa enxugando a boca e olhando com olhos maldosos diziam tudo. Foi uma tração mesquinha, mas mesmo assim ele achou melhor não perder a compostura, não latir nem fazer escândalo. Retirou-se com relativa dignidade para a sombra do jasminto.

A idéia veio de repente, já como decisão. O ladrãozinho malhado tinha acabado de tomar banho e espoljava-se ao sol a poucos metros de distância. O outro levantou-se da sombra, esticou as patas dianteiras ao comprido do corpo, como se fosse deitar-se noutra posição, mas era apenas para se esprengurar; abriu a boca num bocejo enorme e caminhou para o pequenino. Quando esse, que estava deitado de costas dando coices para o ar, sentiu aquela pata pesada no peito, julgou tratar-se de alguma brincadeira e ainda risono de brinquedo. A primeira dentada feriu-o na carne mole do ventre. Acharido e brincadeira muito bruta ele decidiu retirar-se, rosando e mordendo o outro no pescoço, mas o queixinho novo não tinha força para fazer mal, e o outro prosseguiu com o seu projeto, começando pelas partes tenras, com certeza já de cálculo para não sair perdendo caso se fartsse antes ou tivesse que fugir por motivo de força maior. Mas ninguém veio acudir, aqueles dois viviam brigando e fazendo as pazes. Quando ele começou a enfiar só restavam os ossos mais duros e uma mancha de sangue na grama. Os ossos ele carregou para longe, escondeu, enterrou; o sangue ficou como enigma para as pessoas da casa.

Se ele pensava que ia ser feliz daí por diante, deve ter omitido em seus cálculos algum elemento muito importante: porque desde esse dia ele mudou completamente, a ponto de parecer outro cachorro. É claro que as pessoas da casa interpretavam a mudança como consequência da perda do companheiro (o que não deixava de ser) e combatarem ter paciência com ele.

Dava pena vê-lo de cabeça baixa, num ir e vir incessante, sem encontrar sossego em parte alguma. Mesmo quando parecia descançar, deitado de lado em um tapete, o bojo das costas arando compassado, o brilho do pelo ondulando

com a respiração, podia-se ver que o repouso era aparente. Olhando bem, via-se que os músculos nunca estavam em completo descanso, havia neles uma constante trepidação, um zumbir de alta voltagem. Bastava um ruído distante, um leve toque, mesmo de uma penugem pousando, para ele saltar nas quatro patas, as orelhas armadas, os olhos furando o tempo — o que acontecia também sem nenhuma razão aparente.

Por uma misteriosa repulsão as pessoas passaram a evitá-lo, não lhe afagavam mais a cabeça, não lhe alisavam o pêlo, ninguém lhe amarrotava as orelhas para ouvi-lo ganir, o que é também uma forma de mostrar a um cão que se gosta dele. Agora era só respeito, um respeito apreensivo. Às vezes ele se instalava numa passagem, parece que desejando que o maltratassem, que o enxotassem, que o humilhassem; mas o que se via era as pessoas tomarem trabalho para não incomodá-lo, se afastarem para lhe dar passagem. Não sabendo chorar ele procurava gastar a angústia caminhando sem parar, talvez na esperança de se cansar e cair de vez. E quanto mais se movimentava, mais dava a impressão de estar contido entre barras de uma jaula.

## Anotace diplomové práce

Příjmení a jméno autora: Veronika Baudyšová

Název katedry a fakulty: Filozofická fakulta, Katedra romanistiky

Název diplomové práce: Komentovaný překlad Josého J. Veigy (A tradução comentada de contos de José J Veiga)

Vedoucí diplomové práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Počet znaků: 115089

Počet příloh: 5

Počet titulů použité literatury: 15

Klíčová slova: překlad, brazilská literatura, komentář překladu, literární analýza, magický realismus, José J. Veiga, Onde Andam os Didangos, O Cachorro Canibal, O Galo Impertinente, Diálogo da Relativa Grandeza

Charakteristika: Práce se zabývá čtyřmi povídkami brazilského autora Josého J. Veigy. V první části analyzuji povídky z literárního hlediska a představuji základní charakteristiku autorova stylu, následuje překlad zmíněných povídek do češtiny a v poslední části komentuji problémy vzniklé během překladu, překladatelské postupy a kulturní a mimojazykové rozdíly, které bylo nutno převést do českého prostředí.